



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOAO NERES DA PAZ NETO

**ATALIBA, O VAQUEIRO:** Um conto sertanejo e as representações do sertão brasileiro na literatura em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

PICOS-PI

2017

JOAO NERES DA PAZ NETO

**ATALIBA, O VAQUEIRO:** Um conto sertanejo e as representações do sertão brasileiro na literatura em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Ma. Ana Paula Cantelli de Castro.

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**P348a** Paz Neto, João Neres da  
Ataliba, o vaqueiro: um conto sertanejo e as representações do sertão brasileiro na literatura em fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX / João Neres da Paz Neto. – 2017.  
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (58 f.)  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2017.  
Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Ma. Ana Paula Cantelli de Castro

1. Ataliba-Vaqueiro. 2. Sertão. 3. Conto Sertanejo. I. Título.

**CDD 859.4**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos sete (07) do mês de Julho de 2017, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **João Neres da Paz Neto** sob o título **Ataliba, o vaqueiro: um conto sertanejo e as representações do sertão brasileiro na literatura em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Profª Ma. Ana Paula Cantelli Castro

Examinador 1: Prof. Me. Paulo Fernando Mafra de Souza Júnior

Examinador 2: Prof. Me. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 6,0.

Picos (PI), 07 de Julho de 2017

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2:

Agradeço a Deus e a todos aqueles que me proporcionam proteção e conforto. Aos meus amados pais e irmãos e a toda família Neres. A todos os meus amigos, em especial, Alexandra Dantas. Agradeço a minha orientadora Ana Paula Cantelli de Castro. Obrigado a todos!

## AGRADECIMENTOS

Chegar nesse momento e poder lembrar a todos aqueles que me apoiaram de alguma forma durante a construção dessa pesquisa é algo muito gratificante. Agradeço a todos aqueles que estão lá em cima me iluminando de alguma forma, obrigado Pai! O Senhor é o melhor! Agradecer a minha família, meus amados pais, Valter e “Francis”, assim como meus irmãos, Felipe e Mara, que são à base da minha integridade e felicidade como pessoa. Agradeço a Deus todos os dias por ter essa família tão amada. Assim como a minha Tia Maria, na qual sempre ajudou desde o começo a mim e a meus irmãos. Sem essas pessoas esse sonho não seria possível.

Agradeço a minha orientadora Ana Paula Cantelli de Castro que sempre se mostrou paciente comigo, sempre dando ótimas sugestões e tentando me orientar para o caminho correto da pesquisa, além de ter sido a professora responsável por me apresentar esse tema tão maravilhoso, o vaqueiro e suas raízes, quando ainda estava no quarto período do curso. Obrigado professora!

Agradeço também a minha amiga mais chata do curso, Alexsandra Dantas, por ser essa pessoa amiga e sem muita paciência (risos), lembro-me como se fosse hoje, o momento em que nós dois estávamos indecisos sobre o que pesquisar. Pois é claro, estávamos entre as mesmas alternativas: Cangaço ou Vaqueiro? Bom acho que temos uma “queda” pelo Sertão. Obrigado por estar ao meu lado desde o primeiro período até o último, espero que sejamos assim sempre, unidos. Agradeço a minha amiga Janaina Moraes, que juntamente da Alexsandra, formávamos o grupo de todos os seminários e trabalhos afins na universidade. Não tem como não se ressaltar essa menina de fé incalculável, Jana.

Meu muito obrigado a minha amiga Marina Carvalho, conhecida também como “metida”, aquela do sorriso inconfundível e cheia de vergonha. Obrigado por sempre me dar inspiração e fazer parte dessa minha caminhada na universidade, sei que tenho alguém para contar para o todo sempre! Com certeza você é algo de bom na minha vida.

Agradeço também a uma pessoa que pude conhecer melhor no final do curso, o nome é Jéssica Lima, mas pra mim é só chata mesmo, um espelho, uma boa amiga que fico feliz de ter conhecido do jeito que ela é.

Agradeço a minha amiga “voada”, quer dizer, Camila Moura Fé, por sempre estar ao meu lado desde o momento que nos conhecemos naquela bendita viagem, você é alguém que desejo tudo de bom, porque sei que és do bem, uma boa amiga.

Como não ressaltar a minha “panelinha” de infância, a diretoria, por assim proclamados bons amigos espero tê-los comigo para toda uma vida. Estiveram presentes na minha infância, me ajudando a constituir como pessoa, e continuamos presentes na vida de cada um, bons amigos, daqueles que dificilmente se encontra por aí.

A família “MOE”, esses loucos, estiverem presente por dois importantes períodos do curso, sendo sempre a minha válvula de escape, aquele momento de relaxar, estar a frente de todos vocês, são muitos, não a como citar todos, Thor; Jonssen; Ione; Samuel. Alguns do bando de brasileiros na qual desafiamos “os soberbos norteamericanos” ganhamos, enfim, juntos somos mais fortes e como tais temos o poder de derrubar qualquer meio de opressão a uma casta, apenas um jogo, mas com tantas representatividades, com tantas referências, me pergunto se não posso fazer um trabalho em cima dessas aventuras? Bom, apenas um jogo, mas nele pode conhecer uma boa amiga, Sarah e sua amada filha, Pia, duas alemãs muito queridas! Assim como a Mayara, uma venezuelana de fibra, uma boa amiga. Além de todos os outros “gringos”, de caráter! Menos os russos, são loucos (risos).

Não posso me esquecer da menina de “galochas azuis”, ressalto que ela é muito chata! Mas muito inspiradora, de caráter forte, uma boa pessoa, a menina dos livros e chocolates, sem leite, por favor! Puro por assim dizer, assim como a sua amizade. A senhorita de vários nomes, Valentina.

Agradeço aos meus vários amigos que de alguma forma, participam ou participaram dessa caminhada árdua: Erllandy; Ariane; Ramone; Lincoln; Frida; Sara; Hildembergue; Keylane; Josiel, enfim, a todos os que passaram por mim e deixaram sua marca, lembranças boas e que merecem estar aqui.

No extremo da província do Ceará, em terras do Piauí, para as Bandas de Marvão, passou-se esta cena.

Francisco Gil Castello Branco (Ataliba, O Vaqueiro).

## RESUMO

A pesquisa intitulada, “Ataliba, O Vaqueiro: Um conto sertanejo e as representações do sertão brasileiro na literatura em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX”, tem como objetivo analisar as representações do sertanejo na literatura nacional, tanto por autores literatos como na área da saúde e sociológica; analisando assim práticas da vida do gado, ou seja, o seu trabalho e as práticas realizadas no seu cotidiano; penso também possibilidades que envolvam a chegada da seca no sertão e o seu impacto; procuro também analisar e problematizar o lado religioso e místico desse sertanejo, observando assim se essas práticas e adjetivos impostos a esse vaqueiro do sertão, condiz realmente com a realidade, abarcando assim um recorte espacial que envolve o sertão nordestino, mas aproximadamente a Província do Piauí e um período que vai de 1878-1888, datas estas que condiz com o contexto das obras analisadas. Utilizei então de diversos autores que me proporcionaram suporte para desenvolver essa pesquisa como: Francisco Gil Castello Branco, Josué de Castro, Antonio Candido, Audrey Freitas Tapety, John Kelly Thornton e Carlo Ginzburg.

Palavras-Chave: Sertão; Sociologia e Seca.

## **ABSTRACT**

The research entitled "Ataliba, The Cowboy: A sertanejo conto and the representations of the brazilian sertão in the literature in the end of the XIX century and the first centuries of the twentieth century", aims to analyze representations of the sertanejo in the national literature, both by literary authors As in the area of health and sociology; Analyzing thus practices of the cattle hand, that is, their work and the practices carried out in their daily life; I also think possibilities that involve the arrival of the drought in the hinterland and its impact; I also try to analyze and problematize the religious and mystical side of this sertanejo, thus observing if these practices and adjectives imposed on this cowherd of the sertão, really matches reality, thus encompassing a spatial clipping that surrounds the northeastern sertão, but approximately the Province of Piauí And a period that goes from 1878-1888, dates that corresponds to the context of the analyzed works. I then used several authors who supported me to develop this research such as: Francisco Gil Castello Branco, Josué de Castro, Antonio Candido, Audrey Freitas Tapety, John Kelly Thornton and Carlo Ginzburg.

Keywords: Ataliba; Sertão and Dry.

## SÚMARIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>1° CAPÍTULO - FRANCISCO GIL CASTELLO BRANCO: CONTEXTUALIZANDO SUA OBRA E VIDA.....</b>	<b>15</b>
1.1 O Papel da literatura nacional no Brasil de 1880.....	19
<b>2° CAPÍTULO - ATALIBA, O VAQUEIRO: VIDA E MORTE.....</b>	<b>22</b>
2.1 A grande seca: Últimos suspiros.....	26
<b>3° CAPÍTULO - ANTONIO CANDIDO: UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA SOBRE O SERTÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>4° CAPÍTULO - JOSUÉ DE CASTRO: UM OLHAR MEDICINAL SOBRE A ALIMENTAÇÃO SERTANEJA.....</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>58</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As razões que me impulsionaram a escrever sobre esse objeto de pesquisa envolvendo mundo do vaqueiro e seus mais diversos aspectos, são motivações de âmbito pessoal e acadêmico. Em relação às motivações de cunho pessoal sempre me chamou a atenção o vaqueiro contemporâneo e o quanto são diferentes daqueles seus ancestrais que tinham a rusticidade como característica marcante. Logo sempre gostei de vê-los passar perto da minha casa, além de ter alguns parentes que detêm o gosto pela vaqueja, sendo assim vaqueiros amadores, divergentes dos seus ancestrais que viviam a sua vida para cuidar da fazenda, estes então são a nova geração de indivíduos que gostam da arte de cuidar do gado, de cavalgar, mas não tem a sua vida presa a isso, tendo assim outras diversas ocupações.

Além desse fato, tive a oportunidade de produzir um artigo intitulado – a vida e trabalho de um vaqueiro – quando estava cursando o quarto (4º) período do curso de história, na Universidade Federal do Piauí, na disciplina de “História e Memória”, ministrada pela professora Ana Paula Cantelli Castro. Neste momento tive a certeza que essa temática que envolve o vaqueiro viria ser um caminho que gostaria de percorrer em um futuro próximo, podendo me aprofundar mais nas questões que rodeiam o sertão – fazendas de gado – vaqueiro.

Foi com a escrita desse artigo, somado as leituras feitas sobre o Piauí no começo de sua colonização até o século XX proporcionadas pela disciplina de Piauí I e II, realizando leituras sobre o vaqueiro naquele contexto, é que despertou o interesse de pesquisar sobre o vaqueiro na sua essência, ou seja, o vaqueiro dos currais.

Em relação ao âmbito acadêmico da pesquisa, a proposta foi trabalhar algumas indagações, como por exemplo, a percepção de autores literatos, como Antonio Candido, Francisco Gil Castello Branco e Josué de Castro, sobre esse sertanejo.

Um dos problemas pesquisados nesse trabalho é a ideia de honra, onde esta sendo expressa por alguns intelectuais na qual trabalho, como Francisco Gil Castello Branco e Josué de Castro, como também em dois momentos diferentes que o Brasil estava passando a literatura consegue construir a imagem do vaqueiro refletindo as relações de interesses e poder, logo envolto em um ideal de nação.

Além da questão de honra, terei como problemática também a relação do nacionalismo com a literatura, ou seja, a forma como é propagada os ideais nacionalistas e como estes mesmos são expressos em obras literárias, demonstrando assim como os autores de tais obras, como por exemplo, a obra base para essa pesquisa, “Ataliba, O Vaqueiro”.

Terei como fonte para a base da pesquisa, as obras de cunho literário: do autor piauiense Francisco Gil Castello Branco<sup>1</sup>, “Ataliba, o vaqueiro”, obra em prosa, publicada durante o ano de 1878, em forma de folhetim, no jornal “Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro. Em 1880 a obra é publicada em forma de livro pela Tipografia Cosmopolita, do Rio de Janeiro, não tive então acesso a edição do jornal que conteve o conto. Logo o livro será a principal fonte para a pesquisa aqui proposta. Com um olhar de historiador proponho entender o contexto do período de seu lançamento e a intenção que há por detrás da trama e de seus personagens, entendo assim que cada um desempenha um papel importante na obra, caracterizando assim uma população sertaneja. Recortes de jornais da época que criticam tais obras e contexto que engloba os lançamentos dessas obras. Além do recorte de jornal retirado do prefácio do livro, escrito por Franklin Távora<sup>2</sup> para o jornal “A Reforma” de Teresina e transcrito para o jornal “A Semana” do Rio de Janeiro.

A obra “Geografia da Fome” do autor Josué de Castro<sup>3</sup> é uma das fontes que utilizo nessa pesquisa, a obra abre um debate como o próprio autor exclama no prefácio de sua obra, um tema abordado poucas vezes, a fome. Busco ainda compreender o meio dele, como a estrutura da sociedade que afeta diretamente na alimentação da população; A alimentação do Brasil em âmbito geral e em relação a região Nordeste; aborda a seca e descreve sobre a estrutura dos homens nordestinos afetadas pela sua alimentação, fala sobre o vaqueiro, abordando a sua alimentação, doenças que assolavam esses sertanejos e suas estruturas físicas. Josué de Castro possibilitou trabalhar outras questões, como a alimentação e as doenças que assolam os sertanejos, fazendo assim uma ponte entre as duas fontes, “Ataliba, O Vaqueiro” e “Geografia da Fome”. Como base para a pesquisa utilizo uma variada bibliografia que forneça suporte para dar continuidade na busca em alcançar os objetivos, estes que foram citados logo acima como a relação da literatura e a busca pela nacionalidade brasileira, com a ajuda dos autores, Nicolau Sevcenko e Monica Pimenta Velloso, por exemplo; O misticismo presente nos personagens da obra e personificação assim de um tipo de sertanejo, o crente, o sujeito religioso, através dos autores, Antonio Candido e Carlo Ginzburg; Como também as questões de honra presentes em Ataliba que simbolizam o jeito do sertanejo segundo Francisco Gil Castello Branco. Como o livro “Literatura e Sociedade”

---

<sup>1</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005.

<sup>2</sup> TÁVORA, João Franklin da Silveira. Escritores do Norte do Brasil: Dr. F. G. Castello Branco. **A Reforma**, Teresina, p. 2, 28 abr. 1888.

<sup>3</sup> CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984 .

do autor Antonio Candido<sup>4</sup>, “o nome do autor é escrito sem acentuação ortográfica”, utilizei algumas das abordagens que o autor debate no seu livro, como a influência do jornal sobre a literatura; a função social de uma obra literária; a literatura voltada para o misticismo; E também o nacionalismo.

Utilizo também o capítulo intitulado “Religiões africanas e o cristianismo no mundo atlântico” do autor John Kelly Thornton<sup>5</sup> retirado do livro “A África e os africanos na formação do mundo Atlântico”, o autor então teve sua formação em História da África pela Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA) em 1979, conseguindo assim seu título de doutorado, dando aula na Universidade de Boston (Massachusetts) sobre “História da África e Diáspora Africana” desde o ano de 2003. John Kelly Thornton nos possibilita pensar sobre as religiões africanas e o seu contato com outros povos, como o europeu, este mesmo que desembarcou no Brasil, sua relação então entre a religião africana e a sua disseminação no sertão, tendo assim uma mistura nas crenças, essa diversidade de crenças será mostrada na obra “Ataliba, O Vaqueiro” por meio da personagem Deodata.

“O Brasil Republicano” volume I, organizado pelo Jorge Ferreira e Lucilia Delgado onde utilizei o capítulo escrito pela autora Monica Pimenta Velloso<sup>6</sup>, intitulado “O Modernismo e a Questão Nacional”. Busquei algumas indagações e problemáticas sobre a visão da nacionalidade, na qual ela põe Euclides da Cunha e a sua visão sobre o sertanejo ser o símbolo dessa nacionalidade.

“O fio e os Rastros” do autor Carlo Ginzburg<sup>7</sup> onde utilizei suas abordagens em relação aos textos literários e históricos e seus elementos que são incontornáveis, ou seja, os rastros deixados por eles; Logo será de grande ajuda também a sua fala sobre a extração de informações de textos históricos e fictícios; a fala entre o verdadeiro e o mito; além do seu debate sobre a análise da perspectiva histórica retirada de trechos de livros de ficção. Este livro foi de grande ajuda também para entender uma das problemáticas que envolve o primeiro capítulo, o misticismo. Um debate sobre o conceito do mito exposto por Antonio Candido, os exemplos expressos em “Ataliba, O Vaqueiro” e a visão de Carlo Ginzburg sobre

---

<sup>4</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000.

<sup>5</sup> THORNTON, John Kelly. Religiões africanas e o cristianismo no mundo atlântico. IN:\_\_\_\_\_. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800)**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004, p. 312-355.

<sup>6</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 30**. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014, p. 351-386.

<sup>7</sup> GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: Verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

o mito/lenda.

No primeiro capítulo, “Francisco Gil Castello Branco: Contextualizando sua obra e vida”, tive como objetivo de apresentar Francisco Gil Castello Branco, descrever então um pouco da sua trajetória, assim como explicitar sobre o lançamento da obra “Ataliba, O Vaqueiro”, como o livro foi lançado, de seu financiamento que possibilitou a sua publicação em formato de livro e demonstrando um pouco da fala dos críticos da época em relação a obra. O primeiro capítulo contém um sub-tópico intitulado “O papel da literatura nacional no Brasil de 1880”, este que serve como base para questionar um pouco do contexto da época, quais os objetivos do autor buscou em escrever esse conto com um enredo tão inédito para o contexto de seu lançamento.

No segundo capítulo, “Ataliba, O Vaqueiro: Vida e Morte” faço uma breve apresentação dos personagens principais que compõe a obra “Ataliba, O Vaqueiro”. Apresento os principais acontecimentos que caracterizam o contexto em que a obra esta inserida, ou seja, a região onde se passa a história, o envolvimento entre os personagens, seu cotidiano e trabalho. Busco também analisar um pouco sobre como Francisco Gil Castello Branco descreve o fenômeno da seca e as mudanças na vida de todos os personagens. O segundo capítulo contém um sub-tópico, “A grande seca: Últimos suspiros”, este que fala sobre o segundo momento da trama de Ataliba, ou seja, pós-apresentação individual de cada personagem assim como da região de onde se passa o enredo, passo a demonstrar o começo dos prenúncios da seca, a sua chegada e conseqüentemente as suas ações nos sertanejos, tendo assim um papel de destaque na obra.

No terceiro capítulo, “Antonio Candido: Uma perspectiva sociológica sobre o sertão”, busquei analisar a obra “Literatura e Sociedade” do autor Antonio Candido, levantando os seguintes pontos: os traços do misticismo presente nas obras; o discurso dos nacionalistas; a relação entre autor – público – obra; a diferença entre o rural e o urbano, entre o homem civilizado e o analfabeto. Antonio Candido nos permite pensar diversas questões na qual podem ser levantadas através da leitura romancista de “Ataliba, O Vaqueiro”, fazendo assim uma ponte entre as possibilidades geradas pelos dois autores.

No quarto capítulo, “Josué de Castro: Um olhar medicinal sobre a alimentação sertaneja”, utilizei a obra de Josué de Castro, “Geografia da Fome”, como fonte teórica para poder realizar as discursões em torno da alimentação do sertanejo e das doenças que aparecem com a seca. Busquei pensar então possibilidades na qual envolvam: a fome como processo coletivo e social; os sintomas que a seca trás para o sertanejo; a alimentação do povo sertanejo; a alimentação do vaqueiro; as doenças que ocorrem com a chegada da seca.

Portanto busco pensar essas questões mediante o entrelaçamento dos acontecimentos na obra “Ataliba, O Vaqueiro”.

## **1º CAPÍTULO - FRANCISCO GIL CASTELLO BRANCO: CONTEXTUALIZANDO SUA OBRA E VIDA**

O conto “Ataliba, O Vaqueiro” foi escrito em 1878, de autoria do escritor, diplomata e jornalista Francisco Gil Castello Branco. Em um primeiro momento ele foi escrito em forma de folhetim no jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro (1878), nesse período os folhetins são como novelas do século XXI, onde eram divididas em capítulos e tinham tiragem de acordo com o periódico onde era lançado.

O enredo, segundo o autor teria que cativar e prender a atenção do público, para que esse mesmo pudesse adquirir o próximo exemplar do periódico. Em alguns casos esses folhetins se localizavam sem destaque no periódico, Francisco Gil Castello Branco destacando que “[...] Não tencionava reduzir a volumes estes – Contos – escritos ao correr da pena e destinados quando muito ao rodapé dos jornais”.<sup>8</sup> Podemos pensar então na relação que o autor detinha em levantar essa ideia, a sua suposta indignação em ter seu conto pouca visibilidade no periódico? A relação entre o autor e a publicação de sua obra pelo jornal, lhe proporcionou uma divulgação rápida e dispersa de seu trabalho, lhe proporcionando assim um futuro financiamento desse conto para a sua publicação em formato de livro.

Sendo visto por críticos da época como sendo estruturalmente um “conto”, críticos como José de Vasconcelos que era o redator do “Jornal do Recife” e Franklin Távora na qual escreveu um artigo publicado no jornal “A Semana” do Rio de Janeiro, intitulado “Escritores do Norte do Brasil: Dr. F. G. Castello Branco” onde analisa com o seu olhar crítico a obra “Ataliba, O Vaqueiro” quando este mesmo saiu em forma de folhetim em 1878 no jornal “Diário de Notícias”. Franklin Távora fala então:

Do dr. Gil Castello Branco, escritor piauiense, conheço unicamente o volume em que estão reunidos três contos: **Ataliba, O Vaqueiro, Hermione e Abelardo e A mulher de ouro**. O primeiro desses contos é evidentemente trabalho que se deve classificar entre os da literatura do Norte. É um episódio de seca. O aspecto local foi transportado para o livro com fidelidade. Caracteres verdadeiros. Cenas tão naturais que parecem autênticas. Muita vibração de sentimento. [...] O vocabulário do Norte é uma

---

<sup>8</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 23.

das qualidades que mais afirmam a sua autonomia. [...] A vida doméstica está perfeitamente desenhada nas páginas do livro. A comida e o modo de a preparar e usar foram fielmente representados. O desafio e os versos populares são característicos. As primeiras manifestações da seca, o esfolar das reses mortas, a tristeza, as inquietações, os cuidados, o chegar dos primeiros retirantes, os horrores sucessivos foram reproduzidos sem esforço. O leitor está conhecendo que o autor viu todas as linhas gerais, todos os traços particulares das grandes calamidades. Na descrição, que não tem aliás vastas proporções, predomina a intuição, por assim dizer, visível dos desastres iminentes, o sentimento da catástrofe, que avizinha, ao princípio, do tamanho de um vampiro, depois, com as dimensões da coruja colossal e medonha. A tristeza, que sugere no espírito pacífico sertanejo o secar lento e gradual do tanque da fazenda, tem a eloquência fúnebre das grandes agonias vagarosas e fatais. [...] A parte verdadeiramente dramática, ao meu ver, da deixada da emigração forçada, está no longo e penoso trajeto, através de inóspito e desolado sertão, reduzido a poeira e fogo, quando meses antes era o verdor, a fartura, a alegria.<sup>9</sup>

Segundo o escritor cearense que vê a obra de Francisco Gil Castello Branco com um “olhar de admiração e tocado” pela história de Ataliba, descrevendo assim a sua opinião com comparações entre o enredo e seus assuntos relacionados aos fatos que afetam a vida dos brasileiros, como o fato da emigração; a relação do vocabulário nortista; o fenômeno da seca, aspectos esses que Franklin Távora faz comparações a partir de sua leitura da obra. Na fala de Franklin Távora podemos perceber uma tendência em reafirmar a “verdade” expressa por Francisco Gil Castello Branco em relação ao sertanejo, o crítico então como natural do Nordeste, pode deter uma tendência em relação ao sertanejo, por conhecer um pouco da realidade de sua região e conseqüentemente reafirmar as palavras de Francisco Gil Castello Branco sobre os sertanejos.

O poeta Teixeira de Mello foi historiador-poeta-médico-jornalista, ele “nasceu em Campos, RJ, em 28 de agosto de 1833, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de abril de 1907. Foi o fundador da cadeira n. 6 da Academia Brasileira de Letras, escolhendo como patrono o poeta Casimiro de Abreu, de quem fora amigo”.<sup>10</sup> Ele então publicou um comentário sobre a obra já lançada em formato de livro no ano de 1880, na qual foi impresso junto com o livro:

É **Ataliba, O Vaqueiro** um desses pequenos contos que firmam a reputação de um escritor, como verá o leitor por si mesmo. Desafetado na linguagem, sem que todavia decaia no trivial, naturalíssimo e verdadeiro quando faz falar os personagens do seu drama, sabe o autor captar a atenção e excitar o

<sup>9</sup> TÁVORA, João Franklin da Silveira. Escritores do Norte do Brasil: Dr. F. G. Castello Branco. **A Reforma**, Teresina, p. 2, 28 abr. 1888.

<sup>10</sup> Fonte retirada do site da Academia Brasileira de Letras. <<http://www.academia.org.br>>. Acesso: 24 jun 2017.

interesse, duas condições essenciais neste gênero de escritos. Não tem decerto o enredado trama dos romances monumentais de Dumas e muito menos a intrincada contextura e a interminável sucessão de peripécias, inverossímeis por mal de pecados, dos de Ponson du Terrail; mas sabe fazer sorrir por vezes o leitor e não raro sentir-se comovido interiormente, como se as cenas que a leitura lhe vai passando pelos olhos estivessem na realidade desenrolando-se diante dele. Na parte descritiva é o autor de um acabado difícil de ser excedido, dando a mais características e pronunciada cor local ao quadro que a sua imaginação evocou no papel e em que se nos depara um pintor não vulgar.<sup>11</sup>

Na citação está o fragmento de uma parte do comentário, onde podemos perceber ao lê-lo que Teixeira de Mello assim como o escritor Franklin Távora, eles tecem elogios à obra, a sua caracterização do lugar e personagens, sendo o mais real possível, segundo os críticos, logo tanto na crítica como no comentário aqui reproduzidos em partes, é perceptível a satisfação por parte dos leitores sobre a obra, sem que aja críticas no sentido negativo, apenas elogios e admiração ao autor.

No ano de 1880, Francisco Gil Castello Branco conseguiu um patrocínio do comerciante Eugênio Francisco Magarinos Torres, onde se reuniram “Ataliba, O Vaqueiro”, “Hermione e Aberlado” e “A Mulher de Ouro” em um único volume que foi publicado pela Tipografia Cosmopolita do Rio de Janeiro. No prefácio intitulado “Duas Palavras Antes” o autor agradece ao comerciante e ao mesmo tempo tece críticas aos editores na época:

É certamente digno de menção o fato de – na época em que os nossos editores desprezam os escritos dos seus compatriotas e cuidam tão somente em traficar com indigestas traduções de **brochuras** francesas, - vir um moço negociante abrir a sua bolsa para a publicação mais regular de uns folhetins, cuja leitura lhe agradara, mostrando assim que o nosso comércio já se compõe de um pessoal diferente do que dantes trajava jaqueta e nos **anúncios** das folhas diárias encontrava o livro dileto às suas distrações de espírito.<sup>12</sup>

Eugênio Francisco Magarinos Torres segundo o periódico “ALMANAK: Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro do ano de 1891, na página 939, está em anúncio de fotógrafo, na obra não há indicativo de o porquê o comerciante ter financiado a publicação do livro, ao que tudo indica o comerciante leu o conto quando este foi impresso no jornal e quis ajudar para a divulgação de “Ataliba, O Vaqueiro”. Na seção intitulada “Livros Baratissimos” no jornal “Gazeta de Noticias” o livro estava à venda: “Ataliba, O Vaqueiro, 1

<sup>11</sup> MELLO, Teixeira de. Carta Preliminar. **IN: Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 25.

<sup>12</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 23.

grosso vol. de 466 pag. 400 rs”.<sup>13</sup> Já no “Jornal do Commercio” a obra esta na coluna de Livros: “Ataliba, O Vaqueiro, Hermione e Aberlado e a mulher de ouro, por F. G. C. Branco, 300 rs”.<sup>14</sup> Portanto a venda da obra em formato de livro da a oportunidade para que ela tenha uma nova forma de divulgação dois anos depois de ter seu lançamento no periódico, tendo assim a oportunidade de ganhar seu espaço nas livrarias e bibliotecas, sendo então “eternizada”, uma forma simbólica para que a obra não seja esquecida, já que no periódico as divulgações se perdem ao longo do tempo e com o livro você pode relança-lo diversas vezes, propagando assim seu trabalho por um extenso período, mesmo que no jornal a divulgação seja feita de uma forma intensa e mais abrangente, contudo o livro detêm uma abordagem diferente, sendo mais sutil e duradouro.

Francisco Gil Castello Branco fala do seu descontentamento em relação a falta de financiamento e interesse por obras nacionais, escritas no Brasil, tendo conteúdo nacional, diferentemente de como ele mesmo exemplifica dos livros franceses, esses no entanto têm uma maior facilidade no investimento de trazer esses livros para o Brasil, traduzi-los e vendê-los, deixando assim em um segundo plano os livros de conteúdo nacional, estes que começam aos poucos a despertar um maior interesse das tipografias. Apenas com financiamento externo é que Francisco Gil Castello Branco conseguiu publicar a sua história, nesse período ele era um funcionário público:

[...] que o obrigava a uma vida de privações e ao exercício diário de escrever frases nada literárias, como ‘tenho a honra de passar às mãos de V. Ex<sup>a</sup>. etc, etc.’ O autor recebeu a oferta de financiamento de seu livro não apenas como reconhecimento de seu valor, mas também como prova da mudança de mentalidade da classe empresarial.<sup>15</sup>

Não há muitas informações detalhadas sobre sua carreira ou mesmo em que cargo ele ocupava no período em que escreveu a obra, mas posteriormente Francisco Gil Castello Branco se torna cônsul do Brasil no Paraguai em 01 de Julho de 1886 através do decreto de N. 9583 de 17 de Abril de 1886 pelo “Ministerio dos Negocios Estrangeiros”, no decreto informa: “A. Francisco Gil Castello Branco, de nomeação de Consul Geral no Paraguay, dous quarteis”.<sup>16</sup> Tendo uma ajuda de custo de 2:500\$000 réis pelo . Logo depois transferido para a

<sup>13</sup> LIVROS BARATISSIMOS. **GAZETA DE NOTICIAS**, Rio de Janeiro, p. 4, 04 set. 1882.

<sup>14</sup> LIVROS. **JORNAL DO COMMERCIO**, Rio de Janeiro, p. 5, 09 nov. 1885.

<sup>15</sup> MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; RÊGO, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do. Ataliba, o vaqueiro: Folhetim da seca. IN: CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3<sup>o</sup> ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 13-14.

<sup>16</sup> Decreto de Número 9583. Abril de 1886. Disponível em: < <http://legis.senado.gov.br>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

França em 11 de Novembro de 1890, onde é noticiada a sua transferência pelo Jornal do Commercio do Estado de Santa Catharina na qual relata “Por decreto de 11 do corrente foram removidos os consules geraes dr. José Fortunato da Silveira Bulcão Junior e Francisco Gil Castello Branco, este do Paraguay para Marselha e aquelle de Marselha para o Porto”<sup>17</sup>, onde mais tarde veio a falecer em 1891, em Marselha (FR). Logo após a sua morte, através do decreto de N. 759 de 11 de Março de 1892 a viúva de Francisco Gil Castello Branco recebe uma ajuda de custo: “A viúva do consul geral em Marselha, Francisco Gil Castello Branco, para regressar ao Brazil”.<sup>18</sup> Uma ajuda de custo no valor de 1:500\$000 réis oriunda do Ministerio das Relações Exteriores.

### 1.1 O Papel da literatura nacional no Brasil de 1880

Após a publicação do livro, o tema seca acabava se tornando uma temática de sucesso entre os leitores, o “romance de 30”, era um movimento em crescimento nesse período, onde detinha como destaque demonstrar a falha existente no governo, utilizando assim os contos, a história sobre os flagelados da seca de 1877 na qual assolava o Ceará e o Piauí, sendo então demonstrado através da história de Ataliba, um sujeito simples, apenas um vaqueiro de uma fazenda no interior do Piauí onde se é possível notar que em meio a toda essa perspectiva de futuro em relação ao desenvolvimento do país, havia ainda uma grande região ausente do núcleo de crescimento e pensamento sulista.

“É a vertente regionalista que vai definir o rumo da nova ficção brasileira, a partir do movimento modernista, nascido sob o signo da nacionalidade”.<sup>19</sup> É perceptível então uma mudança nos contextos que envolviam os contos literários, o movimento modernista e seus precursores começaram a focar no mundo rural, abrindo assim mais a sua atenção para o Brasil em si, mais completo, começando então uma tentativa de perceber uma nação de fronteiras visíveis e invisíveis de cunho abrangente, onde suas características são em grande medida envoltas de muita intensidade.

Surge então um regionalismo modernista, “Ataliba, O Vaqueiro” se adentra nessa categoria, diversas outras obras que são citadas em um artigo que vem junto com o livro, demonstram diversos exemplos de autores que trabalham essa nova perspectiva. Como por

<sup>17</sup> FERRAZ, Sampaio. \_\_\_\_\_. **Jornal do Commercio**, Santa Catharina, p. 1, 19 de out. 1890.

<sup>18</sup> Decreto de Numero 759. 11 de Março de 1892. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

<sup>19</sup> REIS, Maria Gomes Figueiredo dos. Ataliba, o vaqueiro: Precursor do romance da seca. IN: CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 10.

exemplo, Afonso Arinos com um livro de contos intitulado “Pelo Sertão” (1898), obras como “O Cabeleira” do Franklin Távora (1875) que vai explorar a questão do cangaço, a livros que iram falar da mineração em Minas Gerais, obras na qual trabalham a fome, ou seja, diversos autores e suas respectivas obras estão se voltando a atenção para centros menos modernos ou mesmo essa tendência nem tenha chegado ainda.

Esses escritores tendo então a intenção de retirar o foco das pesquisas e obras de um olhar eurocentrista voltando assim suas atenções para o Brasil, como demonstrado acima, o objeto fonte dessas obras são relacionadas a assuntos genuinamente nacionais, levando assim aos poucos para uma mudança no jeito de escrever dos escritores nacionais, obras que falam, por exemplo, apenas do cotidiano de determinadas comunidades, ou seja, gerando conteúdo a partir de lugares desconhecidos, de realidades de vida desconhecidas por muitos, principalmente nos grandes centros sulistas no Brasil.

Assim como o conto de Ataliba, romance este onde se envolve com a personagem Terezinha, esta sendo a sua grande paixão e a partir desse envolvimento é desenvolvido todo o enredo, o contexto na qual envolve os dois personagens, ou seja, a seca e suas consequências, a profundidade de sua periculosidade na vida do vaqueiro em âmbito regional chegando ate uma escala de grandes proporções. Assim como o movimento romancista de 30 que busca indagar questões da nacionalidade, ou seja, trabalhar mais a região Norte e seus respectivos moradores, trazendo consigo os costumes, o jeito próprio de falar do povo nortista, tudo isso estava envolto do processo por onde esse movimento modernista trazia consigo, na realidade, apresentará para todos aqueles intelectuais que não conseguiam enxergar o Brasil como um só, com todas as suas dimensões.

Tudo isso é possível por causa do momento em que o país estava inserido, as mudanças na qual aos poucos iam surgindo, uma busca pelas raízes, pelo ser brasileiro, no seu mais natural conceito da palavra. Francisco Gil Castello Branco era um desses intelectuais, ou seja, ele detinha uma tentativa de ideia diferente da corrente intelectual do período imperial, onde continha tendências ligadas ao produto europeu de pesquisa, logo o autor distancia-se assim de algumas práticas ditas modernas em relação ao conteúdo criado em suas obras, portanto disseminadas aos poucos em solo brasileiro, indo assim de encontro aos mais diversos Atalibas que existem nas regiões isoladas do nosso país, pessoas estas carregadas de uma noção do mundo muito reduzida. Monica Pimenta Velloso no capítulo “O modernismo e a questão nacional”, fala sobre o papel do modernismo na criação dessa nacionalidade, segundo a autora:

A temática que, de fato, está mobilizando os intelectuais da geração de 70 é a de buscar a compreensão da identidade múltipla da nacionalidade. Nos cantos, contos, poesias e danças, o brasileiro aparece reconhecido na figura do indígena, do africano, do europeu e do mestiço. Para os padrões valorativos da época, essa ideia já significava um determinado avanço na interpretação do Brasil.<sup>20</sup>

O movimento inverso ao que estava sendo feito por muitos pensadores da época, no sentido de escrever, Brasil → Europa, e agora alguns estudiosos estavam fazendo o sentido inverso, Brasil → Interior do Brasil. “Ataliba, O Vaqueiro” é tido então como a primeira obra de cunho romancista tendo abordado a temática da seca, posteriormente surgem inúmeros trabalhos na qual pesquisam essa temática ou que trabalhem o povo simples, a camada popular como enfoque principal do seu cotidiano, saindo assim da rota principal que tinha na época. Obras como “Os Retirantes” do autor José do patrocínio em 1889 e “O Retirante” do autor Araripe Júnior em 1878, portanto são exemplos de obras na qual seguem a tendência que Francisco Gil Castello Branco iniciou:

O romance de 30 ou de documentação sociológica da realidade brasileira, que se implantaria em nossa literatura na esteira da renovação estética trazida pelo modernismo, ampliou a sua temática, no sentido de incorporar ao fenômeno literário nacional aspectos até então ignorados pela nossa romancista.<sup>21</sup>

Percebemos então que a indagação de descobrir qual a nacionalidade desse imenso país de conotações tão diversas, devemos então entrar em uma discursão sobre esses “Brasis”, o da capital e o do interior, o primeiro ligado a raízes mais europeias, civilizadas. O segundo ligado a terra, a rusticidade, preso ao conceito do mais real significado da palavra simplicidade, nos homens que buscam identificar o Brasil era mesmo real, voltadas assim as atenções ao cotidiano e ao modo de vida simples das pessoas.

O cotidiano de um simples vaqueiro e de todos os seus afazeres e horas de lazer, se tornam uma receita bastante “aplaudida” por diversos críticos, uma receita temperada com a força da seca, e com este tempero tão especial e inovador para a época (1880) que será a partir daí um ponto de referência para outros autores, sendo destacado por muitos como uma leitura obrigatória na literatura nacional em um contexto de romances, contos e crônicas.

---

<sup>20</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 30**. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014, p.356.

<sup>21</sup> NUNES, Manoel Paulo. O romance da seca. IN: CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 05.

Esta obra, pioneira no assunto, é a rigor a primeira manifestação conhecida do romance da seca, em nossa história literária, explorando assim, magistralmente, um filão que continuaria até os nossos dias e teria os seus momentos marcantes com **Luzia Homem**, de Domingos Olímpio, de 1908, **Aves de Arribação**, do cearense Antônio Sales, de 1902-14, o já citado **A Bagaceira**, de 1928, **O Quinze**, de Raquel de Queiroz, sua obra de estréia, em 1930, e **Vidas Secas**, o clássico de Graciliano Ramos, em 1938.<sup>22</sup>

## 2º CAPÍTULO - ATALIBA, O VAQUEIRO: VIDA E MORTE

A história de Ataliba se passa na fronteira do Ceará com o Piauí, na região que o autor chama de “Marvão”. Nas terras piauienses temos hoje onde se localiza a cidade de José de Freitas, detinha o nome Livramento (1877-1924)<sup>23</sup> no período em que Francisco Gil Castello Branco nasceu, cidade essa onde o autor passou a sua infância. É importante salientar que o autor ao se referir por “Marvão” não deixa claro em qual cidade se passa exatamente o conto, tendo em vista que a sua cidade natal fica na região bem próxima ao Ceará, sendo assim uma forte opção sobre onde à história se passa. Entretanto podemos também pensar na opção da cidade de Castello do Piauí, esta onde se chamava “Marvão” entre os anos de 1742-1948<sup>24</sup>, nome este que é citado pelo autor no começo da sua narrativa, sendo uma região mais central se comparada a José de Freitas, logo o livro não nos dá uma precisão em relação ao local exato de onde foi pensado o enredo, ou seja, um lugar fictício que fora baseado em um lugar real aparece então dois caminhos distintos na qual podem ser a referência para escrita da trama de Ataliba.

Ataliba é caracterizado por Francisco Gil Castello Branco como um vaqueiro na qual “tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro enamorado”.<sup>25</sup> O vaqueiro então é o principal personagem da história, onde desempenhava uma posição de destaque, sendo respeitado por todos da região, essa então é a impressão que o autor transmitiu sobre Ataliba, ele faz uma série de afirmações em torno desse sertanejo, moldando assim um indivíduo ímpar em fisionomia e caráter, contudo esse sertanejo é assim tão diferente dos outros homens do sertão? Ao longo da obra o autor não demonstra em nenhum momento algum deslize desse sujeito ímpar, Ataliba então é colocado em um patamar diferente dos preguiçosos citados na obra, ele não

<sup>22</sup> NUNES, Manoel Paulo. O romance da seca. IN: FRANCISCO GIL, Castello Branco. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 05.

<sup>23</sup> Fonte retirada do site do IBGE. <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso: 04 jun. 2017.

<sup>24</sup> Fonte retirada do site do IBGE. <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso: 04 jun. 2017.

<sup>25</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 32.

descansa enquanto não termina o seu serviço, este no qual só aumenta com a chegada da seca.

Terezinha é a heroína da trama, representando assim as mulheres jovens, com seus sonhos à conquistar e seus deveres a realizar, uma personagem descrita pelo autor como sendo:

[...] Uma morena sedutora. As suas formas, delineando-se em modesta saia de chita, e os seios arfando sob alva camisa orlada de rendas, ofereciam à escultura um modelo de perfeições. As tranças espessas, escuras e lustrosas como fios negros de seda, desciam-lhe até a cintura de ninfa, as suas mãos de criança, conquanto algo estragadas pelo trabalho, valiam um tesouro de rainha; os seus pés de fada perdiam-se em um chinelozinho de capoeiro; os seus olhos rasgados, brilhantes, transluziam as paixões que, dir-se-ia, dormiam ainda nessa alma inocente.<sup>26</sup>

Ao longo da narrativa ela sempre demonstrava ser muito tímida, o autor sempre caracteriza o seu “acanhamento em demasia”, Terezinha também aparentou ser uma moça muito zelosa, cuidadora e atenciosa, principalmente em relação a sua mãe Deodata e ao seu noivo Ataliba. O autor então caracteriza uma jovem sertaneja, tecendo impressões de como pode ser a mulher sertaneja, representada na obra por Terezinha e Tia Deodata, mulheres fortes e ao mesmo tempo com jeitos diferentes, tendo em vista a generalização dessa impressão que o autor nos passa, de ver essas mulheres sertanejas como ícones para tantas outras nortistas como elas, pensar em tais indivíduos de forma tão límpida e além de outras pessoas normais, devido ao seu meio e ao cotidiano em que vive, o autor põe estas mulheres em uma categoria única, belas e fortes, detentoras de grandes qualidades, pensar então a mulher sertaneja baseada nessas características poderia ser algo sensato a fazer? Portanto basear-se então uma gama de variadas mulheres em apenas duas realidades em que ela são expostas é algo reduzido para uma região tão vasta como o sertão.

A Tia Deodata é descrita pelo Francisco Gil Castello Branco como sendo:

[...] A mãe de Terezinha, a qual fora em seu tempo um **peixão** – e atualmente não passava de – **ostra!** Os óculos cangalhos, balançando-se-lhe no extremo do nariz, e os cabelos agrisalhados, arregaçados em cocoruto formando uma coluna inclinada, qual outra nas vidraças de algum museu arqueológico. Ela perdera os primeiros filhos que tivera; já contava 36 anos e não esperava outros, o que muito a afligia, quando concebeu Terezinha, que viera ao mundo como um consolo que a Providência lhe trouxera para a velhice.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 29.

<sup>27</sup> Ibid., p. 35.

Contudo essa sertaneja como tantas outras detêm a responsabilidade de cuidar da casa e educar a sua filha sozinha, mediante a realidade em que ela esta inserida posteriormente a morte de seu marido, o autor nos leva a pensar em algumas dessas tantas sertanejas que carregam a responsabilidade de sua família sozinha, isso no entanto, é algo notado através das décadas, inúmeros casos e fins essas famílias de mulheres responsáveis por uma casa no seu mais amplo significado da palavra. A Tia Deodata então era uma senhora muito supersticiosa e devota de Nossa Senhora, do começo ate a metade da história, ela se demonstrou ter muito cuidado em relação aos seres místicos, do meio para o final do conto, ela se ajoelhava a todo o momento em frente ao seu oratório, em prol de pedir aos céus que esses abençoassem a ela e a todas as pessoas ali presentes, para que lhe livrassem da terrível morte na qual a seca trazia consigo. Francisco Gil Castello Branco coloca Deodata tendo 36 anos, e já caracteriza ela como sendo uma senhora, podemos pensar na possibilidade do fator clima, onde os sertanejos pegam muito sol em sua maioria sem proteção, ficando expostos assim a doenças, como o envelhecimento precoce, câncer de pele ou ate queimaduras, no caso de Deodata o autor deixa a pensar que possa ser mais um caso de envelhecimento precoce ou ate mesmo que essa possa ser a taxa de mortalidade no sertão, devido a todas as circunstancias que os sertanejos sofrem, mas isso são apenas probabilidades de o autor ter se baseado em alguns desses fatores.

Entraremos agora na fala sobre o único personagem negro e na qual já fora escravo, Cassange, dentre todos os personagens principais da trama, Deodata, Terezinha, Ataliba e Cassange, ele é a exceção, é o sujeito sobrevivente de toda a seca, tendo então um papel de destaque desde quando ele aparece no enredo pela primeira vez, dias antes da festa de noivado.

Cassange era uma figura exótica, repetimo-lo. Pequeno e esguio, tinha uma cabeça grande, encarapinhada de cabelos brancos-cinzas, que lhe desciam pelo rosto alongado, abastecendo-lhe a barba de judeu agiota. Espessas sobrancelhas escondiam-lhe os olhos de rato, e a larga boca ocultava dentes alvíssimos; o mais era vulgar. Fora importado da África ainda moleque e conservava o nome de sua terra natal. Há muito que ocupava na fazenda o lugar de **fábrica**, qualificação que se ali dá ao escravo ajudante do vaqueiro nos estabelecimentos de criação de gado. Servira sob as ordens de vários patrões, sendo o último o marido de Deodata, falecido havia cinco anos, e a quem substituíra Ataliba nas suas funções.<sup>28</sup>

A chegada de Cassange a fazenda é tida como algo muito esperado por todos, mediante o fato dele fazer a função de comerciante e de trazer notícias do dono da fazenda.

---

<sup>28</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 42.

Cassange é visto por todos da região como um senhor de boa conduta e gentil com para com todos, ele detém um papel importante na narrativa, pelo fato de ser a pessoa que faz a função de comercializar os produtos com os sertanejos, ou seja, ele faz a ponte entre o urbano e o rural, tendo em vista que a fazenda é distante da cidade e conseqüentemente é necessário fazer a comercialização de produtos usados no cotidiano por esses sertanejos. No decorrer da trama na parte aonde a seca chega, Cassange se torna o braço direito de Ataliba, os dois então trabalham arduamente em prol de salvar o máximo de animais possíveis. Esses são os quatro principais personagens da obra “Ataliba, O Vaqueiro”, todos os outros personagens tem apenas meras citações durante a trama, como por exemplo, o patrão de Ataliba, alguns moradores da região. Portanto o papel desse homem já de idade é de grande importância, fazendo ora o papel de informante, ora de comerciante, ora de ajudante de vaqueiro, ora de amigo e companheiro. Na obra Cassange se torna um dos principais personagens devido a esses fatores citados, o arranjo familiar então muda com a chegada desse senhor, tomando assim a posição de homem mais velho e sábio dentre todos eles, o autor nos leva a pensar sobre o papel fundamental que cada um daqueles indivíduos exerce na obra, simbolizando assim entre um parágrafo e outro a importância de cada um em seu meio e de como o urbano e o rural podem estar tão distantes em diversas formas, no modo de falar, vestir, se alimentar, se divertir, trabalhar, conviver, ou seja, a importância em ter um sujeito que possa mesmo que um pouco facilitar a vida desses sertanejos com objetos ou qualquer outro meio de ajuda para os sertanejos. A história então se passa em quase sua totalidade envolta desses quatro principais personagens.

Portanto no começo da obra Francisco Gil Castello Branco faz uma descrição do lugar e dos personagens principais, contextualizando assim a obra, como já explicitado acima. Logo após caracterizar fisicamente e demonstrar como é o comportamento de cada personagem, o autor então vai aos poucos montando todo o contexto, ao falar sobre os tópicos que englobam: O absentismo presente na fazenda por meio da ausência do chefe de Ataliba, Francisco Gil Castello Branco descreve poucas vezes a presença do dono da fazenda: “O sertanejo soltou um suspiro prolongado, seguido de outros descrentes. – O que tem, Sô Ataliba? – Eu desejava aproveitar a vinda do amo e convidá-lo para ser o meu padrinho de casamento!....”<sup>29</sup> Ataliba nas poucas vezes que cita o seu patrão sempre fala com um tom longínquo, o autor então apenas cita por alto o seu título, de patrão, e que este mesmo só aparece na fazenda em meses onde organiza a vaquejada, com o fim de comercializar o gado, pois mesmo não reside na

---

<sup>29</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 35.

fazenda; Demonstra o misticismo presente naqueles sertanejos como sendo uma marca na qual cada um carrega, seja sua crença cristã ou sua crença em seres místicos: “Não se dobram aos meneios dos interesses, mas estalam fendidos pelas paixões, como os jatobás, que não se curvam ao sopro das ventanias e caem por terra em estilhaços, partidos pelo raio. Não recuam perante o perigo; tremem, entretanto, ouvindo história de duendes!”.<sup>30</sup> O misticismo logo é demonstrado no cotidiano dos personagens, em especial a Tia Deodata, na qual o autor a coloca como sendo uma figura bastante crente em relação ao “mundo espiritual”, na citação que exemplifica esse teor místico dos personagens, o autor fala da relação de Ataliba com as suas crenças, em sua maioria ele caracteriza a Tia Deodata como sendo sensível ao “mundo espiritual”; Abrange também o laço que há entre Terezinha e Ataliba, com o pedido de noivado, acontecimento este que é o mais marcante no início da obra: “– Eu gosto de Sá Terezinha, e peço-lhe a mão dela”.<sup>31</sup> Com esta frase descrita pelo autor com tom de nervosismo do vaqueiro, deixando assim a mãe de Terezinha tonta em um primeiro momento, mas que alegra-se por ser Ataliba o candidato de sua filha. Tendo em vista, portanto esse fato entre toda obra a razão que origina os momentos mais suaves e tranquilos. Em um momento único no conto, celebrado por todos da região o futuro enlace matrimonial onde se reuniram na casa de Tia Deodata para cantar e dançar, um episódio de pura descontração na obra; A chegada de Cassange a fazenda também tem um destaque especial dado pelo autor: “Foi então que a alegria emanou daqueles peitos oprimidos pela emoção, como o jorro cristalino que se esguicha pela fenda de alguma penha abalada pela ação da mina”.<sup>32</sup> É com esse detalhamento de emoções que o autor expressa o que Tia Deodata sentiu ao ver Cassange, tamanha era esperada a sua chegada; Portanto esses são os fatos que mais marcam e compõem a obra em seu início.

## 2.1 A grande seca: Últimos suspiros

Após passarmos por esses acontecimentos, chegamos à metade da história, na qual envolve basicamente os prenúncios da seca; fala um pouco sobre a honra do sertanejo; após o seu foco sobre a seca, o autor já demonstra a chegada dos primeiros retirantes a passarem pela fazenda. Contudo após o noivado, o autor redobra a atenção da narrativa em relação à chegada da seca, ou seja, apenas no início da trama que Francisco Gil Castello Branco não demonstra

<sup>30</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 32.

<sup>31</sup> Ibid., p. 40.

<sup>32</sup> Ibid., p. 41.

os sinais da seca na região, do meio até o final do conto, suas atenções se voltam de modo gradativo sobre a seca e suas consequências.

Em relação à honra do vaqueiro o autor apenas cita um exemplo comparativo, demonstrando assim os sertanejos que se debruçam sob o trabalho e aqueles que apenas trabalham quando assim necessário. Logo após o noivado de Ataliba com Terezinha, o autor especifica em 20 dias exatamente, começa então a focar a narrativa sobre os primeiros indícios da seca.

Ataliba também se mostrava abalado; demais, uma idéia triste o perseguia: era o resultado do que observara percorrendo as pastagens e deparando com os prenúncios indubitáveis de uma seca horrível. O vaqueiro confirmava a opinião do caçador e entretiveram-se ambos acerca da justeza das suas apreensões.<sup>33</sup>

Esse então é o primeiro episódio que o autor demonstra aos sertanejos as mudanças climáticas trazidas pela falta de chuva nas suas terras. Nessa cena podemos perceber o diálogo entre Ataliba e o Caçador, de nome Dionísio, um personagem caracterizado pelo autor como sendo um sertanejo que gostava de montar armadilhas na mata, cantar, descansar em uma boa rede e frequentar as fazendas em tempos de vaquejada, é um personagem que compõe a trama, aparecendo poucas vezes. Dionísio então pode ser caracterizado como o personagem anti-herói, ou seja, ele não faz mal a ninguém, mas não segue o exemplo de um trabalhador diário como Ataliba, um homem responsável com seus afazeres, segundo as primícias cosmopolitas, ele é o sujeito na trama que faz a ligação direta com a mata e a fazenda, Ataliba é o sujeito que permanece apenas na fazenda e Cassange é o responsável de fazer o elo de ligação entre a cidade e o campo, todos conectados, porém com suas diferenças no estilo de vida. Dionísio é um dos personagens que sobrevive a seca, isso pode ser devido ao seu conhecimento da mata, esta que é a primeira a mostrar os sintomas do clima sertanejo, logo ele parte junto com os primeiros retirantes, fazendo assim uma escolha que salvou a sua vida.

Após o autor demonstrar a preocupação dos sertanejos em relação à seca que se aproxima, Francisco Gil Castello Branco adentra na temática dos retirantes, partindo assim da metade da narrativa para aos poucos ir formando o seu final.

Eram dez horas da manhã; o calor já abrasava. Deodata aparecera, ouvindo a voz de Dionísio e conhecedora do motivo que o trazia ali, for recostar-se à porta e esperar por essas criaturas, que partiam como aventureiros, renunciando a tudo para evitarem o perigo iminente que as aterrava. Ataliba

---

<sup>33</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3<sup>o</sup> ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 50.

e o caçador estavam juntos ao tronco da cajazeira, e Terezinha ao lado de sua mãe. Seria sem dúvida de fácil percepção para o observador compenetrar-se dos pensamentos que se lhes atropelavam nos cérebros, através daquele silêncio noturno que os cercava, interrompido unicamente pelo arquejar dos seios. Solene e contrastador era o quadro que tinham presente e que lhes ofereciam aquelas famílias, que se retiravam evitando a morte, levando consigo apenas o conforto da esperança de encontrarem algures os auxílios da caridade!<sup>34</sup>

Ao adentrar na parte dos retirantes, o autor então começa a preparar o final da história. Contando assim sobre a demandada em “massa”, ou seja, os moradores que residiam perto da fazenda e arredores, assim como aqueles que passavam de passagem na fazenda em retirada para o Ceará, deixavam tudo para trás e levavam consigo tudo de valor que detinham e podiam carregar, logo o autor fala um pouco das doenças que assolavam a todos, descreve o fim dos personagens com a sua morte, descrevia, portanto o desespero de todos que ficaram na fazenda, sendo eles Ataliba, Terezinha, Cassange e Tia Deodata, foram os últimos a deixarem o local, o autor explicita o preço que eles pagaram com a sua demora em fugir.

Francisco Gil Castello Branco então começa a entrar na parte final do livro, onde ele fala sobre a doença que aflige Tia Deodata e tantos outros sertanejos, a “febre malina”, onde o indivíduo sofre de febre e todos os outros sintomas que surgem a partir do aumento da temperatura corporal, devido ao grande número de animais em estado de putrefação, ao fato da enferma estar em constante contato com o sol forte, a temperatura dentro da casa está muito quente e a refrigeração como normalmente acontece com a ajuda do vento, nesse momento só atrapalha a enferma, pois é um vento quente e consigo trás o odor dos animais mórbidos, recebendo assim a umidade do tanque de água que existia perto da casa, além do barreiro de água na qual ia evaporando e deixando o ar úmido, ao lado de sua casa, todos esses fatores contribuíram para a doença de Tia Deodata, sendo que no final o que prevaleceu mesmo foi a fome e a sede, esses dois fatores foram os mais fortes, deixando-a fraca e conseqüentemente não resistindo.

Depois que ela adocece, a história já começa a mostrar o seu fim, a paisagem assim como inúmeros animais estão mortos ou apenas esperando dar o último suspiro, água e pastagem já não existem mais, a demora para que Ataliba fosse embora levando consigo sua noiva, era o fato de Tia Deodata em pleno estado de teimosia, em diversas vezes se recusar em fugir, ela não queria deixar o local onde passara toda uma vida, sempre rezava e tinha esperanças que a chuva viria a abençoar de novo a sua casa.

---

<sup>34</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3<sup>o</sup> ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 58.

Após a morte de Deodata, Ataliba cava a sua morada final, Terezinha também já esta a passar mal, devido ao estado emocional em que se encontra devido ao falecimento de sua amada mãe, juntamente com a falta de comida e água, deixando-a suscetível a doenças. Ataliba em um último ato vai ate o tanque, onde pegara sua espingarda que esqueceram-la, assim como esteiras feitas a partir das árvores, que levariam Terezinha, esta se encontrava fraca demais para caminhar, porém ao chegar pela cacimba, Ataliba encontra uma onça, esta na qual estava faminta, logo os dois se entrelaçam em uma feroz briga pela sobrevivência, a faca do vaqueiro a cortava, mesmo que com ferimentos leves, esta que feria o sertanejo com as suas garras.

A fera muda de tática: afasta-se e marcha em meio círculo em frente do sertanejo. De repente assalta-o com veemência, mas encontra-se sempre alerta, depara sempre com a ponta da faca a frustrar-lhe a agilidade e com o braço do moço resguardando-o sempre dos seus ataques traiçoeiros, como trincheira inexpugnável. A onça raivosa de mais em mais, recua ainda e recomeça a luta, fazendo retroar na cacimba, cujas paredes oscilam sons ingentes e soturnos, medonhos símbolos do ódio rugindo nas suas entranhas e rolando pela goela escancarada, quais lavas vomitadas pela cratera de um vulcão. Esta tempestade ensurdecia Ataliba, porém não o atordoava, antes excitava-lhe a coragem. Cassange, que tinha um clavinote à sua disposição, com o qual andava desde que renunciara à companhia do seu urucungo, percebendo os uivos provindos da fonte e recordando-se que Ataliba para lá saíra, apanha com precipitação a arma, examina-a com cautela; deita-lhe outra escorva e parte....Neste momento ouviu um estridor forte como o ribombar de um trovão que estala. A faca do vaqueiro engolfara-se por fim no coração da fera, e ela, reunindo todas as forças dos músculos, e cerrando as garras e as pressas no braço do vaqueiro, bradou o seu grito de morte, reboando ao infinito, e agonizou agarrada ao sertanejo, arrastando-o na sua queda. O sangue espadanava das feridas do moço que não resistiu a este último golpe e caiu em curta vertigem.<sup>35</sup>

Francisco Gil Castello Branco exalta então a figura do vaqueiro Ataliba, um homem corajoso do sertão, onde muitos teriam medo e isso os levaria a morte, Ataliba é diferente, o autor então estabelece como verdade o fato de o vaqueiro ser um homem valente. Além de nós da a possibilidade de pensar o porque da onça ter saído da mata, de seu habitat natural, a mata também esta sofrendo, com fome e sede, além de termos a probabilidade de nesses períodos de seca extremo a incidência de incêndios aumenta drasticamente, expulsando assim os animais dessas regiões. Contudo podemos perceber alguns dos inúmeros fatores que a seca trás ao sertão. Ataliba então sai vitorioso dessa intensa batalha, mas lhe custara muito caro, logo após o incidente, os três sobreviventes saem finalmente da fazenda em busca de um lugar

---

<sup>35</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 77.

melhor, Terezinha doente, Ataliba estava ferido e Cassange já era um senhor de idade, logo não demoraria muito para interromper a viagem, o cenário por onde eles passavam era desolador, apenas seca e morte durante quase toda a viagem.

Cassange era dentre eles, o que estava em melhor estado, ou seja, o único negro da trama era o mais resistente, mesmo já sendo um idoso. Ataliba ao caminhar pela estrada, vê uma árvore com uma boa sombra, ali mesmo os três param, Terezinha já esta muito frágil, desidrata, ela cai no colo de Ataliba, ela então não suporta mais, falecendo. Ataliba então desmaia em seguida, ele perdeu muito sangue, estava muito fraco. Logo depois em um buraco na terra perto de onde Ataliba esta deitado, uma cascavel aparece, ela então morde o vaqueiro no seu braço ferido, o mesmo acorda com a dor, e então sorri ao ver a cobra, que em seguida morde o veado que ali estava deitado, sendo o animal de estimação da sua amada Terezinha, Ataliba então reage e começa a se movimentar, tentando assim matar a cobra. Ele então em um último momento de força, pega a cobra pela cabeça, esmagando-a.

Após esse ato de força, o vaqueiro então cai e nos últimos segundos de consciência, percebe que ali chegará o seu fim e abraça Terezinha, após perder muito sangue, o bravo vaqueiro chega a falecer. Cassange então retorna e fica inerte ao ver aquela cena, logo depois chega dois sertanejos, Cassange então percebe que é o Dionísio, os três então cavam uma única sepultura, enterrando assim Ataliba e Terezinha juntos, assim como o veado que tanto Terezinha tinha apressado, colocando-os aos pés do casal. E assim chega ao fim a história desses sertanejos.

### **3º CAPÍTULO - ANTONIO CANDIDO: UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA SOBRE O SERTÃO**

Utilizando a obra do autor Antonio Candido “Literatura e Sociedade”, autor que detêm um grande destaque por tudo o quanto fez e produziu como escritor, professor universitário, sociólogo e crítico literário. Tendo uma formação acadêmica muito rica, estudando direito (no quinto período ele se retira do curso), concluindo a graduação de bacharel em filosofia. Em 1954 Antonio Candido defende sua tese intitulada “Os Parceiros do Rio Bonito”, obtendo assim o título de doutor em ciências sócias, em 1964 sua tese é publicada.

Em 1978 aposentou-se da USP de onde dava aula desde 1961, em 1998 ele recebe o prêmio Camões do governo brasileiro e português. Em 2005 é concedido no México o prêmio internacional Alfonso Reyes. Portanto utilizo Antonio Candido como base teórica na tentativa

de dialogar com alguns dos conceitos que ele trabalha em seu livro citado acima, fazendo assim um diálogo entre a fonte e a base teórica, como por exemplo, as práticas de vida e trabalho; o misticismo sertanejo; o nacionalismo contido em *Ataliba*; a relação da literatura e o jornal.

A relação estabelecida entre a prática exercida pelos sertanejos e o seu modo como é repassada através das cantigas e das poesias declamadas pelos sábios sertanejos pode ser pensada pelo fato que o autor exclama sobre as práticas pastoris gregas ou ate mesmo abrir uma comparação com os esquimós e a sua alegria em voltar para casa após uma longa caçada, sendo então realizada uma festa onde as cantorias sobre as experiências obtidas pelos mesmos são ditas em melodia.

“[...] Aí está um caso em que determinada atividade se transforma em ocasião e matéria de poesia, pelo fato de representar para o grupo algo singularmente prezado, o que garante o seu impacto emocional”.<sup>36</sup> Logo ao analisar tantos os esquimós como os gregos em suas atividades, Antonio Candido percebe que as cantigas durante o exercício da atividade ou mesmo no momento de socialização desses grupos de integrantes específicos citados é algo que meche com os seus sentimentos, tendo em conta que as suas vivências estão sendo exaltadas em suas cantigas e poesias.

Abrindo assim um paralelo com as cantigas, versos e aboios que são entoados pelos sertanejos, no conto de “*Ataliba, O Vaqueiro*” as rodas de músicas são cantadas durante a celebração da notícia do casamento dos personagens *Ataliba* e *Terezinha*, reunindo assim os vizinhos e amigos.

[...] Preparavam a clássica fogueira, e as mulheres varriam o terreiro. A dança ia começar. As violas romperam um concerto delirante; os pandeiros vibraram com entusiasmo. Fechou-se o círculo e, cada um de per si, homem ou mulher, saía ao centro dançando, cantando, estalando castanholas, requebrando o corpo em mil trejeitos engraçados.<sup>37</sup>

Francisco Gil Castello Branco ao escrever essa passagem no seu conto demonstrava na sua perspectiva como era comemorada uma celebração entre os sertanejos, com cantorias e muita dança, perpetuando assim à noite. Mediante ao canto de versos e músicas oriundas das experiências vividas pelos vaqueiros e conseqüentemente grande parte dos sertanejos, o aboio é uma clara manifestação cultural desse povo, contudo muito usada pelos vaqueiros quando estes mesmos estão a cavalgar e orientar o gado durante as viagens ou mesmo dentro dos

<sup>36</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 28.

<sup>37</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 50-51.

percursos caminhados dentro das fazendas. “[...] o aboio, que é um canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. Sendo de livre improvisação o aboio jamais se repete. O aboio é enunciado nos discursos literários em forma de poesia”.<sup>38</sup>

Outro ponto relevante debatido por Antonio Candido é a atuação do jornal sobre a literatura. “Ataliba, O Vaqueiro” foi escrito em forma de folhetim, aparecendo assim no rodapé das folhas do jornal “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro em 1878. Antonio Candido nos permite pensar sobre a formação de novos gêneros literários oriundos principalmente com a interferência do jornal como forma de propagação dessa literatura.

Com a formação do folhetim romanesco por Gustave Planche na França, no decênio de 1820, houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. É o clássico “romance de folhetim”, com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves.<sup>39</sup>

É perceptível que a descrição citada pelo autor acima é de clara sintonia com muitas das características impregnadas na obra de Francisco Gil Castello Branco que a fonte base desse capítulo. A linguagem simples sempre tentando retratar a fala interiorana, um tema de cunho inédito no período de seu lançamento (1878) e muito forte, um romance escrito com tons duros da realidade sertaneja e ao mesmo tempo sendo ameno e lindo, como as colinas verdes nos períodos de chuva.

É possível então que tal homem possa escrever sobre o sertão mesmo estando no Rio de Janeiro na qual se baseia nas suas memórias enquanto criança e junto com a sua imaginação escreve tal conto que marca a literatura nacional tendo em vista apenas a sua satisfação pessoal? O lucro e o reconhecimento por tal história poderiam então não passar sobre seus pensamentos? É perceptível o seu crescimento dentro dos órgãos imperiais, chegando a ser cônsul dentro de poucos anos após o lançamento da obra, mesmo sendo desconhecido o seu cargo, contudo deter uma posição dentro do Império não era algo para muitos, mostrando assim que Francisco Gil Castello Branco detinha influência em seu meio.

Contudo o processo de ver tal conto como uma grande obra é de dois anos, até ter os primeiros frutos colhidos. Enquanto servidor público Francisco Gil colhe os benefícios de seu trabalho em cinco anos após a publicação da obra, tornando-se Consul do Brasil no Paraguai (1885), como já explicitado parágrafos acima.

<sup>38</sup> TAPETY, Audrey Freitas. **O vaqueiro no Piauí: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000)**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007, p. 82.

<sup>39</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 30.

Contudo a origem de “Ataliba, O Vaqueiro” transformada em folhetim de jornal a livro é marcante, mediante as engrenagens que se alinham para o folhetim romancista se tornar um marco na nossa literatura como sendo o primeiro livro a retratar a seca no sertão. Francisco Gil Castello Branco nesse momento ainda é apenas um funcionário público e não detinha posses para custear a produção do livro, posteriormente isso muda, mas nesse momento ele ganha ajuda financeira de um leitor, Eugênio Francisco Magarinos Torres, que ao apreciar o “conto” escrito no jornal, financia então o livro que dois anos mais tarde é lançado, em 1880.

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posterioridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela.<sup>40</sup>

Francisco Gil Castello Branco atingiu seu público inicialmente no jornal, onde houve uma divulgação de tal conto. A partir dessa ligação autor-obra-público podemos inferir que foi realizada essa ligação que Antonio Candido explicita na citação acima. O público leitor nessa época é formado em sua maioria por pessoas que residem nos polos mais urbanos, nas cidades, pois é neles que se podem encontrar uma melhor educação, constituindo assim em grande medida nas cidades os polos intelectuais do país, nesse contexto o jornal é o meio mais lido, devido ao seu conteúdo voltado para informações do cotidiano e devido ter um preço mais acessível que uma obra importada ou até mesmo nacional.

Antonio Candido nos faz pensar também sobre a idéia do “homem primitivo” ligado à literatura, ou seja, ele dialoga sobre a religião-mito-lenda. Dialoga com Herskovits e Malinowski sobre o mundo primitivo e seu mundo imaterial, ambos tendo visões opostas. Para Antonio Candido precisamos ver o contexto total, ou seja, não conseguiremos entender tais ideias sem perceber o papel desse mito na vida coletiva, sendo que é preciso ver toda essa situação em sua total diversidade, ver o estético também faz parte da engrenagem que ira nos permitir entender a lenda, o mito.

“Partindo de uma atitude quase polêmica contra a etnologia tradicional, que estuda o mito como texto, fora do contexto, Malinowski insistiu na integridade deste e no seu caráter decisivo para a compreensão do mito”.<sup>41</sup> De certo modo é muito difícil você entender uma

---

<sup>40</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 33.

<sup>41</sup> Ibid., p. 47.

determinada sociedade e suas crenças sem entender tudo aquilo que os rodeia, logo acredito que o equilíbrio entre um olhar geral e o específico é que nos possibilita entender melhor o objeto de pesquisa. Ao pensarmos como Malinowski e vermos todo o contexto que envolve o conto escrito por Francisco Gil Castello Branco em relação ao primitivo, ou seja, ao atrasado, não civilizado, percebo em alguns momentos da trama a relação que esse conceito de mitolenda se entrelaça na narrativa. Em “O Fio e os Rastros – Verdadeiro, Falso, Fictício” Ginzburg nós ajuda na compreensão partindo de um viés histórico, ou seja, o conceito que visa ver o “contexto total”, tudo aquilo que faz parte do meio desse mito ajudará a entender ele e a percebe-lo na vida coletiva de determinada sociedade/região.

Terezinha ao mesmo tempo ia pedir a benção a sua mãe, quando a cabaça, saindo da rodilha, caiu ao lado da velha, molhando-a às direitas. Deodata desapareceu em um salto e voltou imediatamente, trazendo um ramo bento, com o qual principiou a bater sua filha, fazendo mil trejeitos engraçados. – Está enfeitiçada! ... Por isto os tições estão apagados! É quebranto da **Mãe d’água!** A demora à fonte!... Não querem acreditar a gente antiga!<sup>42</sup>

No dia-a-dia dos personagens da trama o autor demonstra algumas atitudes supersticiosas dos sertanejos do seu ponto de vista, exemplos de misticismo e de medo e ao mesmo tempo respeito dessas pessoas para com o inexplicável. No trecho acima podemos perceber um exemplo de símbolos que remetem a fé cristã da personagem, que durante os acontecimentos demonstra sempre muita devoção para com os Santos em especial Nossa Senhora, ao mesmo tempo que dá um exemplo de lenda ao remeter a “Mãe d’água” como sendo a protetora do poço que existe ao lado da casa de Deodata. No sertão o desperdício d’água, é “quebranto”, má sorte, a maior riqueza do sertanejo é a água, logo essa não pode ser desperdiçada, essa pode ter sido também uma forma do autor demonstrar a importância de tal elemento na obra.

Deodata tomava parte neste serviço, malgrado do vaqueiro, e quando depunha a enxada ia ajoelhar-se no seu oratório, dirigindo aos céus súplicas ferventes. Uma tristeza profunda apossou-se dela e a sua energia consumia-se à proporção que se desenvolvia o flagelo. A idéia de abandonar estes lugares, onde passara a vida feliz, era um pesadelo que a aniquilava.<sup>43</sup>

Ao longo da trama a personagem Deodata dá sinais de sua fé católica e de suas crenças místicas, tendo uma mistura de credos, que para ela aparenta ser algo normal/natural. A fé que ela demonstra nos Santos quando se ajoelha em seu oratório pedindo graças aos céus e muita

---

<sup>42</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 35-36.

<sup>43</sup> Ibid., p. 54.

proteção em relação a seca que vem a assolar a sua região deixa nítida a sua “fé cristã”, mas em outros momentos, como na fala da “Mãe d’água” ela não remete as suas crenças católicas, mas a uma forma de crer que tende talvez as crenças afro-brasileira e indígenas, dando assim uma mistura de crenças a obra romancista, explicitando assim do ponto de vista do autor como eram as crenças no sertão em 1880.

Nesse contexto temporal onde se passa a trama é interessante pensarmos no entrelaçamento que há entre as crenças, tanto a que permeiam o lado africano quanto a que abrange o lado brasileiro, essas duas crenças foram trazidas pelos estrangeiros, sejam eles portugueses ou oriundos do continente africano. Utilizo assim a obra do historiador John Kelly Thornton, professor de História da África e Diáspora Africana na Universidade de Boston, Massachusetts, desde 2013. Nos ajuda a pensar na religião africana introduzida no Brasil pelos escravos africanos, mostrando assim um pouco do entrelaçamento dessas crenças em território brasileiro.

A fusão de religiões requer algo mais que a simples mistura de formas e idéias de uma religião com outra. Exige a reavaliação dos conceitos básicos e das fontes de conhecimento dessas religiões para encontrar a base comum. [...] O desenvolvimento do cristianismo africano na África e a sua transmissão para a América ocorreram em grande parte por uma combinação de ambos os fatores, empregados tanto por africanos quanto por europeus. [...] Ambas as culturas aceitaram a realidade básica da religião: havia outro mundo que não podia ser visto e as revelações eram a fonte indispensável pela qual as pessoas poderiam tomar conhecimento desse outro mundo.<sup>44</sup>

Thornton analisa o continente africano em relação as crenças existentes e o contato que eles tem com os europeus do ponto de vista religioso, demonstrando assim algumas semelhanças e diferenças sobre eles. Contudo como podemos perceber na citação acima, essa mistura de crenças não é algo que possa ser feito de forma fácil, do ponto de vista da semelhança e diferença que há entre eles, pois as duas crenças tem uma base filosófica parecida, onde acreditam em um outro mundo e em visões, a cristã tem como base a vida de Jesus, filho de Deus, visão esta que não é muito aceita pelos africanos.

Outra questão que nos faz refletir é o fato de no romance não existir a figura de um padre. Logo o autor nos da à possibilidade de pensar sobre esse entrelaçamento de crenças, diferenças e proximidades que há entre elas, pensar sobre a fé de Deodata, suas crenças católicas tantas vezes demonstrada na obra, assim como as superstições que ela tinha para

---

<sup>44</sup> THORNTON, JOHN KELLY. Religiões africanas e o cristianismo no mundo atlântico. IN: \_\_\_\_\_. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800)**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004, p. 313.

com o inexplicável que iam além da sua crença cristã, possibilitando assim pensarmos sobre a influência religiosa trazida pelos africanos, que permeia sobre o sertão, na trama, podemos pensar sobre essa relação que há entre os sertanejos e os escravos, tendo assim ambos consumido um pouco das vivências e credences de um e do outro. Detêm a possibilidade de o autor interpretar o sertão como um lugar de atraso e, portanto sem uma religião oficial, na obra não a presença de nenhum órgão oficial do Império e a menção de qualquer local oficial de alguma religião, apenas os oratórios presentes nas casas dos sertanejos.

Ginzburg nos permite fazer outras questões sobre os mitos e as lendas como algo imaterial se torna em um primeiro momento improvável, mas dependendo da situação e dos fatos ocorridos, mediante uma cadeia de acontecimentos, esses fatores podem ser levados em consideração de uma forma hipotética em uma primeira análise. “[...] A história falsa, isto é, o mito, e a história como-se-fosse-verdadeira, isto é, a comédia e o mimo, falam de fatos não ocorridos: impossíveis no primeiro caso, possíveis (mas puramente hipotéticos) no segundo”.<sup>45</sup>

Ginzburg então nos permite pensar sobre o “verdadeiro ou falso” em relação à narrativa essa sendo de um poeta ou literato. Em que medida os trabalhos de historiadores são diferentes da escrita de um literato-poeta que em suma escreve a partir de sua imaginação-inspiração?

Pensar o verdadeiro e o falso em relação à obra de Francisco Gil Castello Branco mediante a ponte que Carlo Ginzburg faz entre os conceitos de “verdadeiro e falso” em relação ao que muitos autores escrevem, nós faz ver que ao escrever a obra literária “Ataliba, O Vaqueiro”, o autor se debruça sobre as suas memórias enquanto criança, sobre as peculiaridades de tal região interiorana, suas paisagens e pessoas que ali formavam tal sociedade rudimentar.

Logo nos leva a indagar sobre a representatividade de tal sociedade, pessoas e formas de agir de tais indivíduos, se essas atitudes e representações que são demonstradas ao longo de sua obra, são fatos verdadeiros ou falsos? Mediante as suas lembranças e o processo de escrita de tais fatos que podem ser ou não verídicos, onde podemos ou não utilizar os fatos ocorridos na trama como exemplos de comportamento de tal povo, são questões que pareiam tal obra ao pensarmos sobre a legitimidade de tal escritor em relação à vivacidade de tais memórias e vivências.

---

<sup>45</sup> GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: Verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 86.

Uma afirmação falsa, uma afirmação verdadeira e uma afirmação inventada não apresentam, do ponto de vista formal, nenhuma diferença. [...] A contiguidade entre ficção e história faz pensar naqueles quadros de Magritte em que estão representados, lado a lado, uma paisagem e seu reflexo num espelho quebrado. Afirmar que uma narração histórica se assemelha a uma narração inventada é algo óbvio. Parece-me mais interessante indagar porque percebemos como reais os fatos contados num livro de história.<sup>46</sup>

Pensar “os trejeitos” feitos pelos sertanejos, na sua obra que é a fonte deste capítulo em questão, “Ataliba, O Vaqueiro”, tanto as lendas que ecoam no passar do tempo, assim como a fé desses cristãos e para as ligações com o plano espiritual são demonstrados com muito afinco pelo Francisco Gil Castello Branco. Quanto ao contexto em que os personagens estão inseridos, está à seca. Então surge à força pessoal e a fé no plano superior, a morte batendo a porta dos sertanejos e os mesmo tentando encontrar uma saída, a fuga, o despertar para algum lugar com vida.

Nos possibilita pensar o quanto a história contida no conto de Ataliba pode ser parecida com o real? Tendo em vista que o autor nos faz pensar que a obra foi escrita com essa intenção, de retratar a vida sertaneja no sertão piauiense.

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *praxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida que suscita uma visão de mundo.<sup>47</sup>

Antonio Candido então fala sobre a visão de mundo dos literatos a partir da sua análise sobre os poetas que sonham com uma visão de mundo – pessoas – lugares - experiências, enfim, depende da intenção do autor que escreveu tal poesia ou conto, como exemplificado na citação abaixo, do trecho retirado da obra de Francisco Gil Castello Branco.

No extremo da província do Ceará, em terras do Piauí, para as bandas de Marvão, passou-se esta cena. Em linda tarde de um dos últimos dias do mês de setembro do ano próximo findo, Terezinha estava assentada em uma lage, à beira de um riacho cristalino, que coleava por um leito de areias e pedregulhos. Uma grande cabaça e uma rodilha de fibras de palmeiras estavam ao seu lado, indicando que viera à fonte buscar água.<sup>48</sup>

Francisco Gil Castello Branco em sua visão de mundo na obra de “Ataliba, O

<sup>46</sup> GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: Verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 18.

<sup>47</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 49.

<sup>48</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 29.

Vaqueiro” parte de uma tentativa de retratar o cenário e as pessoas de uma região onde este mesmo cresceu enquanto criança, morando no Rio de Janeiro, onde escreverá a obra, em um contexto totalmente diferente, por estar na capital da República naquele período (1978).

Francisco Gil Castello Branco então começa sua narrativa em um lugar fictício mas que nos faz pensar no lugar onde foi criado ainda criança. O autor apresenta uma visão de submissão dos sertanejos para com as pessoas da cidade, ou seja, ele coloca os sertanejos como sendo “pobres” e pessoas que devemos “ter um olhar de piedade” devido a sua sofrida vida, pessoas essas que não sabem falar com clareza, cujo vocabulário é reduzido e detêm palavras desconhecidas para com os termos usados na cidade, ou seja, pessoas atrasadas e pobres, sendo vistas de um modo geral pelos leitores da capital do Império.

O autor demonstra na sua obra um sertão pobre em riquezas materiais, ou seja, sua visão cosmopolita sobrepõe-se a origem rural, um olhar da cidade para o campo põe essa região como sendo pobre e financeiramente inviável devido a natureza do clima da região. No entanto o romance destaca a força e a contínua esperança desses sertanejos na próxima chuva, como se ela fosse cair a qualquer momento, a força e vigor demonstrado pelo vaqueiro Ataliba na luta incansável para salvar os animais e a todos que estão ali. Para o público leitor essa realidade é desconhecida e muito severa, a seca para os personagens, demonstram estar em uma situação natural do ciclo da vida, mediante o costume e experiências que eles detêm durante o passar dos anos com tempos de chuva e de seca.

É importante pensarmos no destaque que a obra “Ataliba, O Vaqueiro” teve quando lançada no formato de livro, pois foi a primeira vez de muitos sulistas detinham o contato com a população nortista do Brasil, ter o seu primeiro contato com a temática do sertão. “Ataliba, O Vaqueiro” é um obra precursora na literatura brasileira no debate sobre a seca, a primeira impressão é de suma importância quando se tem contato com algo novo, um sentimento de sendo comum por parte dos leitores em sentir pena e espanto por saber que existem tais situações no mesmo país que eles residem.

Na obra podemos perceber que o autor não chega a tocar na temática educacional, se naquela região seca existia algum tipo de escola ou lugar que se desempenha essa função. Isso nos leva a pensar na caracterização do espaço onde se passa a trama, poucas casas, todas distantes uma das outras, a menção que chega mais perto de cidade que o autor cita durante o conto, é quando ele fala sobre o patrão de Ataliba, que mora na cidade e quando ele fala no trabalho do “velho Cassange”, no ato de comercializar os produtos encomendados pelos sertanejos, ele se deslocava para a cidade mais próxima, como se fosse um cacheiro viajante.

Ao ler as descrições das paisagens e pessoas que compõe os personagens no conto de

Ataliba, me vêem a cabeça uma pequena semelhança nos detalhes com os que são feitos pelos escritores que seguem a linha do realismo mágico, onde a uma suntuosa forma de detalhar a narrativa, como por exemplo, as obras escritas por Gabriel García Márquez (1927-2014), como o “Amor nos tempos do cólera” e “Cem anos de solidão”, por exemplo. Contudo perceber a visão de mundo dos literatos que Antonio Candido debate e correlacionar com Francisco Gil Castello Branco, nos possibilita pensar se realmente a retratação de tal ambiente descrito em sua história, condiz com o real, as pessoas são realmente tão verdadeiras e simples como ele retrata? São questões que surgem ao pensarmos sobre o conto aqui discutido e a finalidade com que o autor da obra tenta repassar? Com que finalidade ele tenta reconstruir mediante o conto de Ataliba as suas lembranças de um passado longínquo?

Assim tocamos no principal elemento com que se integram aqui, a princípio, a sua consciência grupal e o seu conceito social: o nativismo, logo tornado em nacionalismo, manifestado nos escritórios e em toda sorte de associações político-culturais que reuniram sábios, poetas, oradores e, ao contrário das velhas Academias os encaminharam para a ação sobre a sociedade, abrindo-se para o exterior por meio da paixão literária. [...] Verifica-se, pois, que escritor e público definiram-se aqui em torno de duas características decisivas para a configuração geral da literatura: retórica e nativismo, fundidos no movimento romântico depois de um desenvolvimento anterior.<sup>49</sup>

O conto nos ajuda a entender o nacionalismo nas primeiras décadas do século XIX. Era comum no Brasil como no exterior brasileiros de famílias abastadas irem estudar nas universidades renomadas como a de Coimbra, Lisboa e do Porto (Portugal). Francisco Gil Castello Branco se enquadra nesse perfil, pois estudou Letras na França, a obra “Ataliba, O Vaqueiro” foi escrito com cunho romântico, ressaltando uma população de vida rústica, onde não tinham acesso ao básico para se viver em termos de ter, por exemplo, água encanada ou algum sistema que suprisse essa necessidade, mas que era uma situação normal do ponto de vista deles, já que não tiveram a oportunidade de conhecer algo diferente.

O autor demonstra uma face oposta a que ele mesmo estava vivenciando, será mesmo que esse era o objetivo dele em construir esse conto em torno das diferenças entre o rural e o urbano? O homem civilizado e o analfabeto? De tentar demonstrar ou até mesmo de apontar para todos que a outro Brasil, assim revelando um pouco do nativismo oriundo dele?

“[...] Como em todos os países empenhados então na independência política, o Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional; tanto mais quanto se

---

<sup>49</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 72-73.

tratava aqui, também, da construção de uma consciência literária”.<sup>50</sup> Será esse o motivo que fez com que Francisco Gil Castello Branco escreva sobre o mundo rural, sendo até mesmo o precursor de uma temática tão relevante que é a seca!?

No romance percebemos tanto no envolvimento de Terezinha e Ataliba o carinho e admiração que a entre eles, mas também outras formas que demonstram o romantismo na obra, como a dedicação do vaqueiro Ataliba em tentar salvar o máximo de animais possíveis, diminuir o sofrimento deles perante o clima. A união dos personagens deixa claro o ar de fidelidade e de amor que a entre eles, uns cuidando dos outros em meio à falta de tudo.

O vaqueiro mostrava-se resoluto em não abandonar os seus deveres, sem que o impossível paralisasse todos os seus esforços. Em circunstâncias tão críticas, sem covardia e deslealdade, pensava ele, desprezar a propriedade alheia que lhe fora confiada, quebrar a sua nobre aguilhada, renunciar às provanças e fugir como qualquer desses caboclos descuidados, que vivem na ociosidade, dormindo, caçando e levando a rede de galho, para debaixo das árvores carregadas de frutos ou para junto dos folgedos.<sup>51</sup>

O autor então demonstra o cuidado do vaqueiro para com os animais, que ele cuida cotidianamente, dando a entender sobre a criação de um laço entre o sertanejo e animais, ao mesmo tempo o autor demonstra a indignação do vaqueiro para com alguns sertanejos que segundo ele, não são muito dedicados com a “labuta” do trabalho, Francisco Gil Castello Branco nos possibilita analisar esses comportamentos diversos dos sertanejos e ao mesmo tempo temos a oportunidade de pensar qual o estereótipo existente sobre esses sujeitos. O autor nos mostra duas realidades distintas, sendo que o vaqueiro é colocado como um sujeito ímpar. Enquanto que há os outros que fogem do trabalho, como o caçador Dionísio:

Preguiçoso, gostava de dormir, dançar e cantar no fundo da rede ao som da viola rouquenha, comparecendo às fazendas apenas na quadra das vaquejadas; porque este serviço é antes um divertimento para os sertanejos, é a reunião predileta em que exibem a sua coragem e perícia, contam as suas façanhas e os triunfos obtidos nas matas e nos campos, relatam os seus combates singulares e os seus amores singelos.<sup>52</sup>

Mas a seca vem a afetar diretamente a vida de todos os sertanejos e em diversos aspectos do seu cotidiano. Fica evidente que os problemas que a seca traz consigo são muito sérios e devastadores, logo a uma direta mudança no pensamento dos sertanejos e assim do vaqueiro, que vê os animais e plantações morrerem aos montes e a toda hora. Portanto, como

<sup>50</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 106.

<sup>51</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 54-55.

<sup>52</sup> Ibid., p. 48-49.

o vaqueiro deve agir em meio ao caos que a seca traz?

É importante destacar que em situações como essa, onde não há uma variedade de opções para ele reagir, o torna muitas vezes incapaz e inerte em meio à devassidão do sertão. A labuta do trabalho com o gado faz com que esse vaqueiro se torne resistente, fisicamente ele precisa ser “duro”, mas ao mesmo tempo ele necessita de uma base emocional muito forte, não deixando a tristeza lhe afetar em diversas situações, principalmente quando se depara com a morte dos animais que ele costuma trabalhar no seu cotidiano.

O fato desses sertanejos verem a sua terra seca e seus animais morrerem de fome e sede, a única alternativa que lhe resta é deixar tudo para trás. Não só bens materiais, mas também as suas lembranças e vivências que foram perpetuadas por gerações, ou seja, um ato simbólico que rompe com anos de experiência vivenciadas nesse lugar, Marvão, a relutância de Tia Deodata é embasada em toda uma vida no mesmo lugar, sendo então uma atitude difícil de ser tomada, a personagem então é apenas um exemplo dos inúmeros casos de retirantes fugindo da seca. Mas esse fato da emigração é escolhido apenas por uma parte dos sertanejos, muitos deles decidem ficar, na esperança da chegada das chuvas, é notável uma coragem por parte desses sujeitos, o que faz com que eles não dêem as costas para as suas casas, tornando assim uma decisão que traçará o seu futuro, partindo de um pressuposto que o período das chuvas é pré-definido, sendo sempre no mesmo período, alterando apenas a sua estabilidade, anos mais chuvosos ou uma seca intensa. Então o que faz desses sertanejos serem diferentes daqueles que decidem ir em busca de um lugar com mais possibilidades de viver melhor?

Essa é uma questão que anda lado a lado com esses sertanejos, pois ano após ano a seca vem, trazendo consigo os mesmos problemas e indagações. Será que preciso mudar de moradia? deixar “uma vida” para trás! Nessas horas percebe-se o quão forte esse sujeito tem que ser. Fisicamente, onde terá que suportar as mais altas temperaturas, juntamente com um ar seco, deixando suscetível a doenças, com seu corpo definhando a cada dia que passa, na qual esse indivíduo sem se alimentar direito e a água esta seriamente escassa. Mentalmente esse sujeito tem que resistir as suscetíveis problemáticas que surge no seu cotidiano, manter o pensamento o mais racional possível, na busca de sanar seus problemas, além de estar rezando em seu oratório para que Deus traga a tão sonhada chuva, manter a cabeça no lugar em meio a essa situação desesperadora se torna fundamental, na medida em que o tempo passa e suas reservas de alimentos e água vão acabando, ao mesmo tempo em que devido a todos esses fatores, isso se torna cada vez mais difícil.

Francisco Gil Castello Branco pode estar remetendo essas características tão

peculiares a esses sertanejos, sendo tão diferentes, mostrando assim a abrangência de qualidades ou não desses sujeitos, segundo a sua visão. A nacionalidade do autor sendo tecidas nas linhas do conto desse singular vaqueiro, que pouco se remete ao homem civilizado das grandes cidades brasileiras e europeias, estas que serviam como espelho para os brasileiros dos “grandes centros” naquele período.

Esta a meu ver é a forma com que Francisco Gil Castello Branco queria apresentar esse povo sertanejo, se esses mesmo agiam ou não assim, podemos pensar nos inúmeros contextos diferentes que aconteciam com esses indivíduos em seu cotidiano, não generalizando que todos eram ingênuos; leais; trabalhadores; pessoas de boa índole. Ate por que o surgimento de outros sertanejos diferentes de um “Ataliba” pode ser algo comum, variando assim as vivências de cada sujeito, levando-os a caminhos diversos.

O regionalismo, que desde o início do nosso romance constitui uma das principais vias de autodefinição da consciência local, com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay, transforma-se agora no “conto sertanejo”, que alcança voga surpreendente. Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas.<sup>53</sup>

Antonio Candido fala sobre o regionalismo como forma de expressão dos autores brasileiros citados acima, que são alguns exemplos mais conhecidos. O amor a terra e a tudo que a cerca começa a ser mostrado por esses autores com um olhar mais natural, na tentativa de se recriar tais contextos rurais que divergem do sentimento cosmopolita que era comum a esse período.

Francisco Gil Castello Branco insere então a fonte de pesquisa para esse trabalho, “Ataliba, O Vaqueiro” no embrião desse regionalismo, mostrando assim práticas bastantes rusticas desses sertanejos, demonstrando assim a vida simples que eles viviam algo bem diferente do homem civilizado que se encontra nos grandes centros. A grande questão nesse momento é de pensar e começar a preparar toda uma forma de ver o país como sendo uma nação livre, algo que era novo para todos, já que sempre esteve sobre o controle de Portugal desde o seu achamento em 1500.

Exaltar e ao mesmo tempo apresentar o mundo rural, com o vaqueiro como personagem principal, é algo que a obra escrita por Francisco Gil Castello Branco tenta fazer, dar visibilidade a todos aqueles que sofrem com a seca em suas terras, impossibilitando a

---

<sup>53</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 104-105.

todos que continuem o seu trabalho, seja ele no ramo da agricultura como sendo na pecuária, ela assola a todos, sem fazer restrições de cor ou classe, contudo os menos desfavorecidos são os que mais sentem a sua presença, em grande parte, se tornam retirantes, como é mostrado pelo autor na obra.

Pensar então o Brasil como um todo, era algo que estava sendo buscado por muitos romancistas através do seu sentimento nacionalista, mesmo que muitos desses autores tenham tido sua formação nas grandes universidades europeias, tendo assim um olhar diferente, daqueles que vivem em meio a esse contexto e mesmo tenham permanecido.

Com efeito, o escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites.<sup>54</sup>

Antonio Candido nos leva pensar entre a relação pública e escritor em um período onde alfabetização e o poder de compra de uma boa parcela da sociedade brasileira era mínima, sendo um luxo para poucos. Já foi aqui explorado a relação entre Francisco Gil Castello Branco e como foi o processo para a publicação de “Ataliba, O Vaqueiro” de folhetim para livro, a relação então de seu público para com a sua história foi de certo ponto importante para a sua construção como escritor, ter um trabalho reconhecido pelos leitores é o ápice de qualquer escritor.

“Literatura e Sociedade” de Antonio Candido é uma grande obra sociológica que nos ajuda a pensar diversas questões fundamentais para a construção dessa pesquisa. O olhar dele sobre indagações que facilmente podemos entrelaçar tanto com a obra – público – escritor, pensar como esses três se combinam e afastam, podemos também debater sobre o contexto que engloba o final do século XIX, assim como questões peculiares daquele período, como o analfabetismo e a relação mística dos brasileiros, o comportamento desses sujeitos para com o intocável, imaterial. Logo indagações foram lançadas durante todo o tópico, conciliando assim a minha base teórica propiciada pelo Antonio Candido e a minha fonte, “Ataliba, O Vaqueiro”, tendo a oportunidade de pensar diversas situações em relação a obra como também para com o autor.

---

<sup>54</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000, p. 77.

#### 4º CAPÍTULO - JOSUÉ DE CASTRO: UM OLHAR MEDICINAL SOBRE A ALIMENTAÇÃO SERTANEJA

Neste capítulo abordo os seguintes objetivos: Analisar a fome enquanto fator coletivo; Abordar a seca em relação a seu impacto no sertão; Alimentação do sertanejo; A visão sobre o vaqueiro referente a sua alimentação e caracterização; Pensar sobre as doenças ocasionadas pela seca/fome. Logo faço uma abordagem conciliando assim as duas fontes usadas nesse capítulo, à representação dos fatos na obra de Francisco Gil Castello Branco pela fala de Josué de Castro em sua obra.

Antes de adentrar nos objetivos do capítulo, abordarei um pouco sobre a obra em si: “Geografia da Fome: O dilema brasileiro: pão ou aço”. Assim como apresentar o autor Josué de Castro, este que nasceu em Recife-BR e faleceu em Paris-FR (1908-1973), formado em medicina na Bahia, chegou a ser “indicado por três vezes para o prêmio Nobel: em 1954, concorreu para o Nobel de Medicina, e nos anos de 1963 e 1970, ao Nobel da Paz”.<sup>55</sup> Foi professor; diretor do serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN); Chegou a ser Deputado Federal representando o estado de Pernambuco (1955-1959); Foi presidente executivo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO); Em 1962 foi embaixador do Brasil na Organização das Nações Unidas, participando assim dentre outras diversas atividades no decorrer de sua carreira.

O assunto deste livro é bastante delicado e perigoso. A tal ponto delicado e perigoso que se constituiu num dos tabus de nossa civilização. É realmente estranho, chocante, o fato de que, num mundo como o nosso, caracterizado por tão excessiva capacidade de escrever-se e de publicar-se, haja até hoje tão pouca coisa escrita acerca do fenômeno da fome, em suas diferentes manifestações.<sup>56</sup>

Josué de Castro se refere à falta de conteúdo escrito sobre a alimentação de uma forma mais generalizada, ao escrever “Geografia da Fome: O dilema brasileiro: pão ou aço” ele adentra assim em todas as regiões do país, fazendo um panorama sobre a alimentação brasileira, neste capítulo utilizo a fala do autor quando ele se refere a região Nordeste do país.

Ao promover o desenvolvimento econômico do país fica o Governo um tanto perplexo diante do dilema do *pão* ou do *aço*, ou seja, de investir suas escassas disponibilidades na obtenção de bens de consumo ou de concentrá-

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.josuedecastro.org.br>>. Acesso em: 14 Jun 2017.

<sup>56</sup> CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, pag. 29.

las na industrialização intensiva, sacrificando durante um certo tempo as aspirações de melhoria social da coletividade.<sup>57</sup>

O autor fala do desequilíbrio existente entre o campo e a cidade, conseqüentemente da instabilidade entre o Sul industrializado e o Norte rural, abarcando assim a pecuária e a agricultura, logo com a sua fala na citação acima ele evoca o porque do subtítulo da sua obra, a disparidade entre esses dois mundos que se constituem em um só, o Brasil.

A fome coletiva é um fenômeno social bem mais generalizado. É um fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à sua ação nefasta. Toda a terra dos homens tem sido também até hoje terra da fome. Mesmo nosso continente, chamado o da abundância e simbolizado até hoje nas lendas do Eldorado, sofre intensamente o flagelo da fome.<sup>58</sup>

O autor debate a fome em todo o globo, lembrando que a fome esta presente em todos os continentes, independente assim do desenvolvimento na qual se encontre tal região, a falta de alimento agindo assim na redistribuição populacional, com as grandes ondas de emigração, ate em países ditos como desenvolvidos, a uma presença dessa onda emigratória, o autor então ressalta que o fenômeno dos surtos de fome podem aparecer em qualquer região do globo.

Em “Ataliba, O Vaqueiro” podemos perceber essa fome coletiva em um âmbito menos generalizante, mas ativo em uma região de grandes proporções, o sertão, afetando assim o equilíbrio em diversas camadas dos estados afetados pelos surtos de fome, na trama esse acontecimento abala os Estados do Piauí e Ceará, portanto os retirantes como são conhecidos os sertanejos que fazem esse movimento de mudança na moradia.

A fome coletiva é um fato para esses sertanejos, como Josué de Castro afirma uma questão social, no período de 1880, recorte da obra do Francisco Gil Castello Branco, esse fator social é na prática quase inexistente, esses deslocamentos de grandes massas de sertanejos em sua maioria acontecem sem que haja um suporte dos governantes responsáveis, tendo em vista que a trama se passa em uma região desprovida de qualquer órgão oficial do Império, estão à mercê da sorte, essa é uma realidade desse período muito recorrente devido a falta de infraestrutura nessas regiões.

Francisco Gil Castello Branco demonstra na sua obra um sertão pobre em riquezas materiais, ou seja, a visão cosmopolita sobrepõe-se ao mundo rural, um olhar da cidade para o

---

<sup>57</sup> CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, pag. 296.

<sup>58</sup> Ibid., pag. 56.

campo tendo a impressão que essa é uma região pobre, contudo o significado de pobreza para esses sertanejos em nenhum momento da trama é posto em prática essa falta de recursos essenciais para um cidadão de uma grande cidade, a sua falta seria muito sentida, o autor põe os sertanejos em um contexto de grande perigo, com a falta de alimento e água potável, ou seja, em estado de pobreza extrema, o romance então destaca a força e a contínua esperança desses sertanejos, acreditar na chuva, que ela cairá a qualquer momento, a força e vigor demonstrada pelo vaqueiro na luta incansável para salvar o maior número de animais possíveis e a todos os seus entes queridos na qual estão inseridos em meio a essa dura realidade. Portanto a noção de pobreza que Francisco Gil Castello Branco coloca na obra é algo subjetivo, o público leitor da capital Rio de Janeiro detêm uma noção de pobreza, o sertanejo conhece outra realidade, a pobreza das grandes cidades é diferente daquela encontrada no sertão, mas ela pode ser tão dura e feroz quanto a encontrada pelos sertanejos.

Portanto a fome coletiva representada como fenômeno social na qual Josué de Castro debate em sua obra é representado na obra de Francisco Gil Castello Branco através do sertão, ou seja, os surtos da fome que abrangem uma grande área como o sertão nordestino, retratada na obra “Ataliba, O Vaqueiro” nos leva a pensar o fato da região nortista ser pobre em recursos e não ter a atenção que ela necessita dos seus governantes, onde não tem uma estrutura para amenizar as condições climáticas do sertão, logo a junção de fatores climáticos, mais a falta de uma estrutura dessas regiões que amenizassem os sintomas da seca, não levaria o sertanejo a sofrer tanto com a fome coletiva. Essa situação nós possibilita pensar o porque de uma região tão vasta, de um solo rico, com suas pastagens e plantações, tendo árvores frutíferas e fauna diversificada, como pode nesse período uma região tão importante como o sertão não ter uma atenção dos seus governantes? A amenização da seca é uma possibilidade bastante viável com a prática de ações que possam ajudar os seus cidadãos, há então uma clara falta de interesse para com esses sertanejos.

Josué de Castro ao falar da alimentação do sertanejo ele a distingue tanto da alimentação da região Norte e do Nordeste açucareiro, logo ele não compara essas regiões na qual segundo o autor estão relacionadas ao modo de vida cotidiana desses sujeitos, enquanto que no sertão nordestino a alimentação esta relacionada diretamente aos surtos epidêmicos de fome ocasionados pelo clima da região.

Surtos agudos de fome que surgem com as secas, intercaladas ciclicamente com os períodos de relativa abundância que caracterizam a vida do sertanejo nas épocas de normalidade. As epidemias de fome destas quadras calamitosas não se limitam, no entanto, aos aspectos discretos e toleráveis das fomes parciais, das carências específicas, encontradas nas outras áreas

até agora estudadas. São epidemias de fome global quantitativa e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda e atingindo indistintamente a todos, ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças, todos açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo das secas.<sup>59</sup>

Em “Ataliba, O Vaqueiro” o autor Francisco Gil Castello Branco coloca o personagem Ataliba em uma luta contra os sintomas da seca, na tentativa em primeiro lugar de salvar os animais da fazenda Morro, quando ele percebe que é uma luta em vão devido a grande mortandade dos animais da fazenda, ele parte então em uma luta para salvar a si e a sua família.

Josué de Castro fala do sertão nordestino em relação ao que leva a acontecer episódios como este de Ataliba citado na citação acima, onde todo o contexto da região do sertão nordestino leva quase que sistematicamente a obrigação do sertanejo em se tornar um retirante e sair em busca de um novo lar para residir, estando assim em uma encruzilhada entre ficar ou fugir, uma escolha difícil para muitos.

O característico fundamental desta extensa área geográfica é o seu clima semi-árido. Clima tropical, seco, com chuvas escassas e principalmente irregulares. Com uma temperatura média elevada o ano inteiro, associada a baixos graus de umidade relativa do ar, dos mais baixos do país, tornando o clima saudável, isento de inúmeras doenças tropicais, condicionadas pelo excesso de umidade do solo e do ar. [...] Toda a paisagem natural, desde a topografia, as características do solo, a fisionomia vegetal, a fauna, a economia e a vida social da região, tudo traz marcado, com uma nitidez inconfundível, a influência da falta d'água, da inconstância da água nesta região semidesértica”.<sup>60</sup>

Josué de Castro relata que mesmo sendo uma região com tantas mudanças no clima, a pontos positivos se comparado a outras regiões devido a sua falta de umidade no ar, diversas doenças não são propagadas no sertão, devido ao seu clima, mas ao mesmo tempo esse clima exige do sertanejo uma adaptação ao ar seco e temperaturas altas. Contudo o impacto da seca no sertão é algo que chega a ser catastrófico, devido a sua intensidade e ao que ela faz na vida dos sertanejos, um clima natural dessa região, imprevisível e muitas vezes cruel para com a população sertaneja, os detentores de poses conseguem subtrair esses efeitos da seca, ficando apenas com o prejuízo financeiro, mas nada chega a ameaçar a sua vida, diferentemente dos sertanejos, esses contêm um prejuízo em larga escala, em diversos âmbitos na sua vida, perdendo assim as suas criações, casa, seu trabalho e a oportunidade de continuar vivendo a

---

<sup>59</sup> CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, pag. 175.

<sup>60</sup> Ibid., pag. 177.

vida do seu jeito, tendo assim como fator maior a probabilidade de não resistir aos efeitos da seca, perdendo assim a sua vida.

À base da criação de gado e da agricultura de sustentação e de certos recursos um tanto escassos do meio ambiente – da caça e da pesca –, o sertanejo, usando métodos de preparo e de cozinha apreendidos de outro continente, adaptando, até certo ponto, muitos deles aos novos ingredientes da terra, criou um tipo de alimentação característico. A alimentação sólida, porém bem equilibrada, a qual constitui um bom exemplo de como pode um grupo humano retirar de um meio pobre recursos adequados às necessidades básicas de sua vida.<sup>61</sup>

Josué de Castro expõe então um pouco do que é a cozinha sertaneja, na obra “Ataliba, O Vaqueiro” podem perceber dois tipos de cozinha sertaneja ao longo da trama, a alimentação antes e depois da chegada da seca, no conto de Ataliba, podemos perceber a referência a alimentação sertaneja em alguns pontos, mas o grande acontecimento na obra antes da chegada da seca é o noivado entre Terezinha e Ataliba, logo podemos ter um pouco da noção na fartura que há no sertão.

Era curioso ainda, à tarde, vê-los debaixo da cajazeira, as mulheres assentadas e os homens de cócoras, regalando-se em homérico jantar, que lhes preparava Deodata. Grandes espetos de pau, cobertos de longos terçados ou mantas de carne assada, percorriam a roda dos convivas, que a cortavam na quantidade calculada para o seu apetite. Gamelas cheias de pirão, em que escorria a medula ou – tutano – das tíbias ou – camelas de boi – calcinadas nas brasas, aguçavam o paladar dos sertanejos que com os dedos levavam à boca a convidativa substância e se mostravam satisfeitos como não se sabe ser em um banquete real. A paca que Dionísio trouxera figurava, ensopada com azeite de coco, entre um leitão e dois frangos assados. Nas tigelas transbordava a obrigativa coalhada, e a farinha com rapadura nas cuias denotava a opulência da sobremesa. Os cães, uns roendo ossos, outros esparrados sobre as patas, ativos e alerta à espera de alguma migalha, espalhavam-se em grupos junto de seus senhores.<sup>62</sup>

Podemos perceber então a grande variedade de alimentos presentes na mesa do sertanejo em tempos de normalidade, entretanto, no momento em que a seca chega, Francisco Gil Castello Branco se refere apenas à mortandade dos animais sejam quais eles forem, caíam um atrás do outro, de fome e de sede. Os sertanejos sobreviviam racionando a água e tudo aquilo que poderia ser digerido, o autor também descreve um pouco de como é o cenário da fazenda Morro antes da seca e fala também da variedade de criações que Deodata detêm em

<sup>61</sup> CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, pag. 193.

<sup>62</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 50.

sua pose.

Ataliba era vaqueiro da fazenda do Morro, cujo nome se derivava de uma serra que se estendia em rumo norte, confinando com a província do Ceará. Campinas imensas, unidas como a face do oceano, cortavam léguas sobre léguas, dilatando mil horizontes traçados pelas carnaubeiras, cujas palmas se balouçavam airosas como enfunados estandartes em colunas dóricas. O solo era coberto de uma grama virente e macia, que nutria grandes rebanhos por ali pastando a esmo. [...] Uma variedade de florzinhas mimosas cobriam esses planos de matizes admiráveis e mais precioso do que o mais perfeito tecido dos célebres tapetes de Gobelins – Lindas borboletas esvoaçavam por todos os lados, e uma aluvião de canários, cabeças-vermelhas, ou cardeais confundidos com as nuvens de rolinhas e chicos-pretos catavam as sementes das vassourinhas e outras ervas, enquanto os sábias, os xexéus, o corrupião ou **sofrer** gorjeavam entre os leques do palmeiral, ouvindo-se constantemente o melancólico canto das seriemas e a nota profunda e extensa que soltava do monstruoso ninho a ema bravia ou avestruz brasileira.<sup>63</sup>

Mediante essa descrição da fazenda Morro, Francisco Gil Castello Branco demonstra como é o sertão em plena força vital, com todo o seu potencial, uma região rica e diversificada, dando assim base para a formação da cozinha sertaneja pesquisada por Josué de Castro, exemplos de alimentos como os demonstrados na obra “Ataliba, O Vaqueiro” durante a festa de noivado de Terezinha com o vaqueiro Ataliba, demonstrando assim uma região de grande valor e potencial, na qual disponibiliza ao sertanejo tudo aquilo que ele necessita para viver bem.

À mesma hora, pouco mais ou menos, a mãe de Terezinha, à porta da cabana, debaixo da cajazeira, sacudia uma urupemba com milha, reunindo no terreiro as diversas classes da sua criação miúda. [...] E com as asas meio abertas, apressadas como marinheiros em tombadilho durante a tormenta, as galinhas acudiram do poleiro.<sup>64</sup>

Francisco Gil Castello Branco nós demonstra um lugar de planícies verdes e uma fauna e flora diversificadas, as criações de Deodata, galos, galinhas e perus nós dão uma pequena noção da variedade de animais que esses sertanejos tem a disposição em seu quintal, tendo apenas nos períodos de seca uma mudança dessa realidade. Josué de Castro coloca então a alimentação sertaneja é tão rico em nutrientes quanto qualquer outra região, pensar sobre esse sertanejo muitas vezes colocado como um sujeito fraco devido a falta de água e conseqüentemente uma falta de alimento, mas que segundo Josué de Castro e exemplificado por Francisco Gil Castello Branco nas suas respectivas obras, nós possibilita rever alguns

<sup>63</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 46.

<sup>64</sup> Ibid., p. 47.

conceitos e estereótipos sobre a alimentação desse povo sertanejo. Logo é possível ver esses sertanejos apenas como coitados? Vê-los como pessoas inferiores na qual detêm uma insuficiência alimentar, mental e como ser humano, de certo as questões levantadas nos possibilitam pensar essas ideias estereotipam em torno dos sertanejos, vendo assim a sua rica cozinha e o seu quintal diversificado, o sertão.

Josué de Castro expõe a figura do vaqueiro como sendo um sujeito equilibrado em sua alimentação, sem excessos, detendo a sua disposição uma variedade de alimentos, como por exemplo, abóbora com leite; carne; batata-doce com café; queijo com rapadura. Logo a uma variedade de alimentos na qual juntos possibilitam a esse sertanejo a força suficiente para realizar as suas atividades, Josué de Castro exclama que a alimentação desses sertanejos chega a ser mais nutritiva que a de qualquer outra região, porém a também falta de alguns alimentos onde são importantes para a saúde corporal, como a presença de frutas e verduras na alimentação desse vaqueiro.

O seu regime alimentar, embora na aparência pouco abundante, alcança alto potencial energético, graças às doses liberais em que entram o milho, a batata-doce e a manteiga. É bem verdade que nem sempre obtêm estes ascéticos vaqueiros um tal teor calórico em sua ração e mais raramente ainda dispõem de um excesso de energia alimentar que se possa acumular sob a forma de reserva, de depósito de gordura e de glicogênio que seriam de inestimável valor na época difícil das “vacas magras”. É esta mesma parcimônia calórica, sem margens a luxo, que faz do sertanejo um tipo magro e anguloso, de carnes enxutas, sem arredondamentos de tecidos adiposos e sem nenhuma predisposição ao artritismo, à obesidade e ao diabete, doenças essas provocadas, muitas vezes por excesso alimentar. Não o do atleta de capa de revista, nem de herói de fita de cinema, atraindo os olhares femininos com suas formas apolíneas, mas o do atleta fisiológico, com o seu sistema neuro-muscular equilibrado, com bastante força e agilidade e com excepcional resistência, nos momentos oportunos.<sup>65</sup>

Josué de Castro então tem o vaqueiro como sendo um indivíduo equilibrado, detendo assim o necessário para cumprir sua função, relativizando assim o estereótipo empregado ao vaqueiro, como sujeito belo em traços físicos únicos. Francisco Gil Castello Branco descreve Ataliba como um vaqueiro “enamorado”, ou seja, um sujeito que encanta a todos, Josué de Castro no entanto parte de um viés diferente, analisando assim a alimentação do vaqueiro e concluindo sua impressão sobre tal sujeito.

Portanto Josué de Castro partiu da alimentação do vaqueiro para então criar uma imagem de tal sertanejo, analisando assim a sua constituição fisiológica, nos leva a pensar

---

<sup>65</sup> CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, pag. 206-207.

como o olhar sobre um objeto pode mudar substancialmente apenas ao focar em algo que para muitos pode ser deixado em segundo plano, podendo seguir o caminho já construindo por outros intelectuais, como Euclides da Cunha e Francisco Gil Castello Branco, como a labuta no campo e as suas responsabilidades perante o seu patrão, Josué de Castro em determinados momentos faz pequenas referências a esse olhar sobre o vaqueiro. Portanto Josué de Castro nos possibilita pensar se realmente esse sujeito que detêm a posição de vaqueiro, realmente possui as qualidades físicas empregadas por muitos, nos leva a pensar se os adjetivos impressos sobre ele são realmente verídicos ou se são apenas pontos de vista de quem os observa? Uma questão a ser pensada, o autor nos dá vários indicativos que facilitam sair do comodismo e ver então esse sertanejo em uma perspectiva diferente.

Neste estado de penúria orgânica, os retirantes perdem toda a sua resistência e capacidade de defesa contra os agentes mórbidos de toda categoria, principalmente os de natureza infectuosa, e tornam-se presas fáceis de inúmeras doenças. Em sua incerta peregrinação, sem os menores rudimentos de higiene, comendo alimentos poluídos e poluindo tudo em torno com os seus excretas, sem água para a sua limpeza, sem cuidados de espécie alguma contra o contágio que a promiscuidade intensifica, a retirada se constitui uma verdadeira marcha fúnebre em busca da morte.<sup>66</sup>

O autor demonstra toda uma conjuntura de fatores na qual levam o sertanejo a uma morte em pleno sertão, o clima, a falta d'água e a praticamente inexistente alimentação regular, provocam nesse retirante um desgaste físico e mental de proporções alarmantes e que aumentam gradativamente com o passar dos seus passos os efeitos colaterais de tal situação, se torna então um caminhar pela vida, onde chegar ao seu destino ou até mesmo a inesperada chuva cair possa salvar a esses sertanejos.

Ao pensarmos sobre as doenças ocasionadas pela fome como é demonstrado por Josué de Castro, o autor Francisco Gil Castello Branco em sua obra “Ataliba, O Vaqueiro” coloca os personagens em um contexto que exemplifica de certa forma a fala de Josué de Castro fala em relação ao clima e as doenças que vêm com a sua mudança. Tia Deodata e Terezinha sofrem na trama com as circunstâncias do clima, a sede e a fome provenientes da terrível seca, levando aos retirantes ao esgotamento.

De feito, Ataliba e Cassange perceberam desde logo que Deodata estava acometida de um acesso pernicioso, com sintomas tifóicos, a que denominam – **febre malina**, em vez de maligna e que se manifesta na Província do Piauí, às margens dos rios, por diversos modos, sob o nome

---

<sup>66</sup> CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, pag. 236-237.

genérico de **carneiradas**. O calor que abrasava, a grande quantidade de gado em putrefação nos campos, e a imprudência da velha de estar constantemente exposta ao sol, recebendo a umidade do tanque além das suas atribuições, eram sem dúvida a cauda primordial da sua doença. Nesta convicção, empregaram para a debelar todos os recursos de que dispunham; mas baldados foram os seus esforços. O mal mostrava-se rebelde, relaxava-se as vezes; fazia curtas intermitências; porém reaparecia com súbita intensidade.<sup>67</sup>

Contudo percebemos toda uma junção de variedades de fatores que levam esses retirantes ao desgaste físico e mental, pensarmos então nessas situações de extrema agonia, podem nos proporcionar analisar esses sujeitos como sendo heróis de sua própria história? Pessoas inseridas em um contexto de extrema dificuldade, mas não desistem e vão em busca de salvar a si e sua família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao final da pesquisa onde pude analisar algumas questões que envolvem o sertanejo como: O contexto na qual ele esta inserido, seu estilo de vida e a relação climática, sendo esta fator preponderante no estilo de vida sertaneja, afetando assim a sua vida em diversos sentidos; a busca pela nacionalidade através do sertanejo, um dos símbolos da raiz brasileira, analisando assim o sertão e sua misticidade, a variedade de crenças que o sertão absorve; podemos também salientar esse sertanejo em relação ao que o sertão lhe pode oferecer em termos alimentícios e como as mudanças do clima podem trazer consigo a escassez de tudo e uma vasta camada de doenças. Logo trabalhei essas questões com a ajuda das seguintes fontes disponíveis: Ataliba, O Vaqueiro; Geografia da Fome: Dilema Brasileiro: Pão ou Aço; Jornal “A Reforma” por Franklin Távora.

No primeiro capítulo, “Francisco Gil Castello Branco: Contextualizando sua vida e obra”, podemos entender um pouco como foi o processo de lançamento de “Ataliba, O Vaqueiro” e como foi proporcionado tal fato, além de analisarmos duas críticas sobre a obra, por Franklin Távora e Teixeira de Mello; e como a obra teve o seu papel segundo os críticos de “fielmente mostrar a realidade sertaneja”, para uma população cosmopolita onde era desprovida de conhecimentos sobre os sertanejos em um primeiro momento, em tempos estes na qual buscava pelo progresso nacional, ambientamos assim aspectos que abordam o rural e o homem civilizado. Logo o papel da obra busca mostrar aos desconhecidos o sertão e suas

---

<sup>67</sup> CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005, p. 67.

características, como a seca, fato este que nenhuma outra obra tinha realizado ainda, abrindo assim um caminho na literatura nacional. A busca pela identidade nacional caracterizado pelo “regionalismo moderno”, categoria onde se adentra a obra, ou seja, o primeiro capítulo foi escrito no intuito de contextualizar o autor e obra, mostrando assim o contexto do país em 1878 e qual o papel da literatura, na busca pela essência da raiz brasileira.

No segundo capítulo, “Ataliba, O Vaqueiro: Vida e Morte”, onde apresento a trama do livro de uma forma sintetizada, apontando assim os principais fatos que nela ocorrem, explicitando assim os principais personagens: Ataliba, Terezinha, Deodata e Cassange. Fazendo uma apresentação e problematizando cada papel dos personagens no enredo romancista, as representações possíveis expressas por cada papel na sociedade sertaneja. O vaqueiro responsável pela fazenda enquanto seu patrão esta fora; A jovem moça representante da mulher sertaneja; A senhora da trama que carrega consigo o dever de educar sua filha e na qual carrega em seu ser a sua forte crença; O senhor de idade, um ex-fábrica (ajudante de vaqueiro), oriundo da África. Além desses quatro personagens principais da obra, temos Dionísio, o caçador, preguiçoso, este que só trabalha quando necessita, ele no entanto faz o elo de ligação entre a mata virgem e a fazenda no interior do sertão; Ataliba sendo o sujeito residente fixo da fazenda; Cassange é o elo de ligação da cidade com a fazenda, nos possibilita pensar assim a função de cada um deles em seus respectivos ambientes.

Nesse capítulo vimos também a apresentação do fenômeno da seca, essa na qual aparece impiedosa no enredo, trazendo consigo uma dura realidade, ou seja, as doenças devido a falta d’água e alimentação regular, assim como os retirantes que fogem na esperança de encontrar um outro lugar para residir longe dessa realidade. Francisco Gil Castello Branco mostra o poder da seca para os seus leitores da capital, mostra então que com a sua chegada tudo muda e mesmo assim o sertanejo luta e faz o possível para sobreviver.

No terceiro capítulo, “Antonio Candido: Uma perspectiva sociológica sobre o sertão”, tive então a oportunidade de fazer uma discursão teórica intercalando as obras dos autores: Francisco Gil Castello Branco; Josué de Castro; Antonio Candido; Audrey Freitas Tapety; John Kelly Thornton e Carlo Ginzburg. Analisando assim as perspectivas relacionadas ao cotidiano dos sertanejos e suas experiências transformadas por estes mesmo em cantorias e poesias, mostradas por Antonio Candido em relação aos gregos e suas cantorias no seu cotidiano, intercalando assim com as ideias possibilitadas por Francisco Gil Castello Branco em suas rodas de folguedos, cantorias e danças em uma comemoração especial na fazenda, demonstrando assim um momento ímpar de divertimento em meio à labuta diária.

Audrey Freitas Tapety coloca a música como sendo uma forma de guiar o gado e se

comunicar entre os vaqueiros em meio ao transporte do gado para a comercialização, através do aboio, sendo uma expressão cultural do sertanejo, mudando assim a sua forma e finalidade em determinadas regiões. Nos possibilitando pensar como esses sertanejos se divertem? Como a música pode mudar de região para região? E como ela pode ser vista e moldada por determinado contexto?

Outra questão levantada através da leitura da obra de Antonio Candido é a sua fala sobre os “folhetins romanesco”, sendo neste formato a primeira publicação de “Ataliba, O Vaqueiro”, a forma como é escrita esses folhetins, simples e tentando retratar os costumes do interior brasileiro, Francisco Gil Castello Branco estando no Rio de Janeiro escreve esse romance sobre o sertão em uma forma descritiva, um realismo simples e direto, como se fossem as obras realistas fantásticas de Gabo, podemos pensar então o motivo que levou o autor a escrever esse romance no sertão, seja a saudade de casa? A questão financeira? Escrever em prol de demonstrar essa sociedade sertaneja em plena busca por muitos intelectuais de encontrar a essência brasileira? Possibilidades a serem pensadas em uma sociedade moderna e capitalista, onde um filho de uma família tradicional do interior do Piauí, funcionário público do Império, que no entanto poucos anos depois acende ao cargo de Cônsul do Brasil.

Antonio Candido nos possibilita pensar também a relação do homem primitivo interligado a literatura, logo entramos no debate das crenças e religiões. Ele utiliza então o conceito de “contexto total” pensado por Malinowski, para pensar o misticismo, compreender o contexto da região de onde pesquisa para poder entender as suas crenças, na obra de Francisco Gil Castello Branco podemos perceber diversos momentos onde os personagens católicos, bebem também da fonte de outras crenças, podemos pensar sobre as diversas formas de crer que possa existir em uma região oriunda da concentração de um número finito de culturas distintas. Carlo Ginzburg relaciona o mito com o conceito de “verdadeiro ou falso”, pensando assim em relação aos literatos na qual utilizam sua imaginação/inspiração, como Francisco Gil Castello Branco, fez para escrever a obra sobre Ataliba, tendo como referência as lembranças de sua infância, partindo de uma representatividade da sociedade sertaneja de suas vivências do passado, nós fazendo pensar o quão pode ser suas lembranças? Esse debate oportuno nos faz indagar sobre qual a representação de mundo esta presente em Francisco Gil Castello Branco? São questões oriundas desse pensamento cosmopolita de como esses homens tidos como civilizados enxergam os sertanejos? Como sendo seus pares ou apenas tendo um olhar de submissão/pena.

No quarto capítulo, “Josué de Castro: Um olhar medicinal na alimentação sertaneja”, é

voltado para a alimentação do sertanejo e para os fatores que a seca traz consigo, ou seja, analisando a alimentação do vaqueiro e do sertanejo comum, como também da seca e suas consequências, a fome e sede, estas que provocam então o surgimento de doenças provenientes da falta de consumo regular de água e comida. A fome coletiva como um fator social, na obra “Ataliba, O Vaqueiro” demonstra a falta de apoio de órgãos oficiais do Império para as populações sertanejas, na qual fogem em bandos nos tempos de seca, fazendo com que pensemos sobre a inutilidade desses órgãos para as regiões mais remotas do país, era uma falta de conhecimento sobre essas regiões ou apenas a falta de interesse?

Contudo no romance de Ataliba podemos perceber que o sertão em tempo de fartura, a mesa sertaneja pode chegar a ser tão rica quanto a mesa de qualquer outra região, Josué de Castro nos mostra então a riqueza diversificada dos alimentos provenientes do sertão, fazendo com que o biótipo do vaqueiro das colinas do sertão seja tão resistente ao clima e as adversidades que esse mesmo proporciona, chegando a afirmar que sua fisiologia lhe tornava o sujeito de destaque nessa sociedade sertaneja, com uma alimentação enxuta, porém rica de nutrientes, sem dar espaços a excessos. Pensar então sobre essa característica do vaqueiro, onde é tido como forte, imponente e sujeito de destaque entre os outros sertanejos pelo seu porte físico, possa ser colocado aqui por Josué de Castro como sendo um sujeito diferenciado, sobretudo pela sua fisiologia, sua alimentação lhe proporciona a energia para a labuta com o gado e lhe garante uma resistência maior às doenças do sertão, lhe colocando em uma categoria diferente dos outros sertanejos, o autor então vê esse sujeito com o seu olhar de médico, sem rodeios e nem poemas. Logo podemos ter uma representação de um sujeito que tem suas primícias já estereotipadas, vendo-o apenas com um olhar novo? Pensar o vaqueiro em relação a sua alimentação e dar crédito a sua “fama” por ter essa diferença, nos proporcionar pensar novas possibilidades. Josué de Castro fala também do ar seco e altas temperaturas, essas que formam o clima do sertão em boa parte do ano, mas que em meses de seca, intensifica esses sintomas, requerendo assim do sertanejo uma resistência aquém da média, provocando assim o surgimento de diversas doenças que assolam os sertanejos, na obra “Ataliba, O Vaqueiro” podemos perceber os exemplos de Deodata e Terezinha, estas que sofrem com os sintomas da seca, Josué de Castro então fala que em meses normais, essa seca e temperaturas altas, faz com que o sertanejo esteja imune a diversas doenças comuns em lugares mais úmidos, como o Norte. Pensar então o clima como fator preponderante para a vida das pessoas nos faz analisar se seria possível tomar atitudes que amenizem esses sintomas, mesmo que estejamos em um contexto que se passa em meados de 1880, a falta então de uma estrutura que possibilite ao sertanejo tentar ficar em sua casa mesmo estando em

meses de estiagem.

Portanto as representações da nossa literatura nacional podem ser caracterizadas por diversas formas, pensar quais sujeitos comum seriam detentores dessa representatividade nacional. Essa busca pela essência brasileira só aumenta, encontrarmos tais repostas, mas apenas proporcionar possibilidade de ver os sertanejos no interior do país como sendo um dos pilares dessa enorme nação, nos faz ver a importância da terra e daqueles que a formam.

## REFERÊNCIAS

BRANCO, Renato Castelo. **A civilização do couro**. D. E. I. P. Teresina, 1942.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8º ed. São Paulo: Editora Página Viva, 2000.

Decreto de Número 9583. Abril de 1886. Disponível em: < <http://legis.senado.gov.br>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

Decreto de Numero 759. 11 de Março de 1892. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

Disponível em: <<http://www.josuedecastro.org.br>>. Acesso em: 14 Jun 2017.

FERRAZ, Sampaio. \_\_\_\_\_. **Jornal do Commercio**, Santa Catharina, p. 1, 19 de out. 1890.

Fonte retirada do site da Academia Brasileira de Letras. <<http://www.academia.org.br>>. Acesso: 24 jun 2017.

Fonte retirada do site do IBGE. <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso: 04 jun. 2017.

Fonte retirada do site do IBGE. <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso: 04 jun. 2017.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: Verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os andarilhos do bem: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIVROS BARATISSIMOS. **GAZETA DE NOTICIAS**, Rio de Janeiro, p. 4, 04 set. 1882.

LIVROS. **JORNAL DO COMMERCIO**, Rio de Janeiro, p. 5, 09 nov. 1885.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; RÊGO, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do. Ataliba, o vaqueiro: Folhetim da seca. **IN: Ataliba, o vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005.

MELLO, Teixeira de. Carta Preliminar. **IN: Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005.

NUNES, Manoel Paulo. O romance da seca. IN: FRANCISCO GIL, Castello Branco. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005.

REIS, Maria Gomes Figueiredo dos. Ataliba, o vaqueiro: Precursor do romance da seca. **IN: Ataliba, o vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005.

TAPETY, Audrey Freitas. **O vaqueiro no Piauí: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000)**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007.

THORNTON, John Kelly. Religiões africanas e o cristianismo no mundo atlântico. IN:\_\_\_\_\_. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800)**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2004, p.313-354.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 30**. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2014, p. 351-386.

## **FONTES**

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984 .

CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, O Vaqueiro**. 3º ed. Teresina, PI: Convênio com a oficina da palavra, 2005.

TÁVORA, João Franklin da Silveira. Escritores do Norte do Brasil: Dr. F. G. Castello Branco. **A Reforma**, Teresina, p. 2, 28 abr. 1888.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, João Neres da Luz Neto,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Ataliba, O Vaqueiro: Um conto sertanejo e as representações do sertão  
brasileiro na literatura em fins do século XIX e primeira década do século XX  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 27 de setembro de 2017.

João Neres da Luz Neto  
Assinatura

João Neres da Luz Neto  
Assinatura